

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**  
**FACULDADE DE TEOLOGIA**

Bruno Redígolo Cardoso

**Conhecer para Conviver**

O desenvolvimento histórico do Islã e as pontes para o diálogo  
entre católicos e muçulmanos.

SÃO PAULO

2017

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**  
**FACULDADE DE TEOLOGIA**

Bruno Redígolo Cardoso

**Conhecer para Conviver**

O desenvolvimento histórico do Islã e as pontes para o diálogo  
entre católicos e muçulmanos.

Trabalho de conclusão do Curso de Bacharel  
em Teologia pela Pontifícia Universidade  
Católica de São Paulo, com orientação do  
Professor Doutor Ney de Souza.

SÃO PAULO

2017

## **Agradecimentos**

Como é comum em momentos como este, a probabilidade de uma injustiça ao citar apenas alguns dos muitos que são merecedores de menção aqui é realmente considerável. Mas ainda assim ousei tentar: começo minha gratidão, reta e direta, a Deus, por ter suscitado em mim a curiosidade de conhecê-lo melhor. Agradeço, logo em seguida, minha família: minha esposa Herika que foi compreensiva em toda ocasião que me perdeu para os estudos e aos meus filhos, Guilherme e Mirella, pela paciência comigo. Meu muito obrigado pelo incentivo que recebi da Fundação Pontifícia Ajuda à Igreja que Sofre (ACN), incentivo este que pretendo devolver em forma de serviço, teológico ou não. Também agradeço às Irmãs do Imaculado Coração de Maria, que acreditaram em mim, particularmente na pessoa da irmã Ondina. Agradeço imensamente pelas orações que recebi de paroquianos da São Pedro Apóstolo do Jardim Independência e da comunidade Casa de Maria. Registro aqui também um grande número de amigos, na PUC e fora dela, que contribuíram para que eu tivesse força de chegar até aqui. Um especial agradecimento ao meu orientador, Prof. Dr. Ney de Souza, que demonstrou grande equilíbrio frente à minha ansiedade de principiante. Por último, e não menos importante, obrigado a toda comunidade muçulmana, pela contribuição e presença no mundo e pela força de resistir no caminho da paz frente às adversidades que obscureceram a sua legítima história.

## Resumo

Existe na contemporaneidade uma tendência muito forte de relacionar generalizadamente terrorismo a comunidade muçulmana. Tal tendência tem fundamento nos atrozos atos de violência que foram e são perpetrados por grupos extremistas muçulmanos, principalmente no Oriente Médio e norte da África, mas que se espalhou por todo o mundo. Este trabalho quer apresentar elementos, preeminentemente históricos, que propiciem uma melhor, atual e justa compreensão do Islã, a segunda maior religião do planeta. Para isso a pesquisa revisita sua origem; elenca possibilidades de desvios da mensagem fundacional e capta similitudes entre católicos e muçulmanos, o que verifica reais possibilidades de diálogo, coexistência e ajuda mútua à paz.

**Palavras-Chave:** Teologia; Diálogo Inter-religioso; Islã; Fundamentalismo Religioso.

## **Abstract**

There is in contemporary times a very strong tendency to relate terrorism to the Muslim community. Such a trend is based on the atrocious acts of violence perpetrated by Muslim extremist groups, mainly in the Middle East and North Africa, but which has spread around the world. This research wants to present elements, preeminently historical, that propitiate a better, current and just understanding of Islam, the second largest religion on the planet. For this the research revisits its origin; list possibilities of deviations from the foundational message and captures similarities between Catholics and Muslims, what verifies real possibilities of dialogue, coexistence and mutual aid to peace.

**Keywords:** Theology; Interreligious dialogue; Islam; Religious Fundamentalism.

## Sumário

Introdução.....	7
Capítulo I: Uma breve história do Islã .....	8
1. Contexto geográfico e histórico.....	8
2. O profeta Maomé .....	10
3. A expansão do Islã após a morte de Maomé .....	14
4. Abu Bakr (632-634) .....	14
5. Omar ibn Khattab (634-644) .....	14
6. Othman ibn Affan (644-656) .....	15
7. Ali Ibn Talib (656-661) .....	15
8. Os livros sagrados: Bíblia e Corão.....	18
Capítulo II: A deturpação do sentido religioso islâmico .....	22
1. A entrada do fundamentalismo no mundo muçulmano .....	22
2. Irmandade Muçulmana .....	27
3. Perseguição religiosa .....	30
4. Terrorismo .....	33
Capítulo III: Coexistência e diálogo entre católicos e muçulmanos .....	38
1. Primeiros passos .....	38
2. O processo de abertura da Igreja Católica para a realidade plural.....	40
3. O diálogo inter-religioso .....	42
4. Formas de diálogo inter-religioso.....	44
a. Cooperação religiosa em favor da paz .....	45
b. Intercâmbios teológicos .....	46
c. Experiência religiosa .....	46
Considerações finais.....	51
Bibliografia .....	53

## Introdução

Nos últimos anos a comunidade ocidental foi bombardeada com inúmeras informações sobre terroristas islâmicos, homens bombas e muito mais que venha a definir a índole sanguinária do pior tipo de ser humano. Não foram poucas as vezes que vídeos foram publicados nas nossas comunidades sociais, mostrando a execução de pessoas inocentes pelas mãos de autointitulados “legítimos muçulmanos”. Os atos brutais, por vezes inaudíveis, não se limitaram em fronteiras geográficas e se distribuíram por diversos outros países, em diferentes continentes. Europa, África, Ásia e Oceania sentiram as marcas de uma ideologia bestial e sem piedade. Muito sangue foi derramado por uma posição religiosa intransigente. Uma particularidade acompanhou todos os atos de violência e morte: todos foram perpetrados por grupos extremistas muçulmanos.

Enfim, nada do que foi dito até aqui foi inventado ou se caracteriza como uma mentira. Mas faltou ser dito e evidenciado que o motor propulsor de todo esse mal não deve envolver a totalidade da comunidade muçulmana. Apenas uma parcela, uma pequena e barulhenta minoria, dissimulou a essência islâmica para defender seu próprio e diabólico ponto de vista. Posto isso, é necessário e urgente conhecer a raiz maléfica que envenena a tantos para, enfim, buscar de forma eficaz os meios medicinais que possibilitam a harmonia entre os diferentes. Provável que para isto seja preciso buscar fontes outras das que pululam a televisão ou as mídias sociais.

Esta pesquisa pretende justamente ser uma destas fontes, que buscam compreender a história e, iluminada pela luz da contemporaneidade, lançar um caminho possível de paz. Em suma, não se pretende aqui culpar ou inocentar ninguém, mas identificar na comunidade muçulmana uma importante contribuição de valores a toda a humanidade. Antes da precipitação de posicionamentos equivocados, abre-se o convite para adentrar o primeiro capítulo e conhecer o processo histórico percorrido pela religião islâmica; compreender os pontos possíveis que originaram a concepção extremista no mundo muçulmano é a proposta do capítulo segundo; já o terceiro capítulo tem, por fim, a incumbência de desmistificar a inimizade entre a religião islâmica e o mundo atual, indicando o diálogo como o propulsor que leva à paz verdadeira.

## Capítulo I

### Uma breve história do Islã

Para compreender a atual presença islâmica no mundo, é necessário fazer uma viagem no tempo e rever o seu processo histórico. Esse primeiro capítulo quer justamente apontar alguns dos mais relevantes episódios na construção desta que, hoje, é a segunda maior religião do planeta e em constante expansão<sup>1</sup>.

#### 1. Contexto geográfico e histórico

No processo histórico, os judeus surgiram de uma experiência religiosa de séculos, gerando uma grande tradição no tempo. Os cristãos herdaram essa tradição e estenderam uma nova história, própria e natural. Por sua vez, os muçulmanos também herdaram essa mesma tradição judaico-cristã. Com isso fazem parte da tradição abraâmica-monoteísta, compartilham a história, crenças e valores, tanto do judaísmo quanto do cristianismo, e têm os judeus e cristãos como “irmãos do livro”<sup>2</sup>. No entanto, também os muçulmanos estenderam uma nova história, dando um novo e particular rumo na experiência com o sagrado.

Mesmo tendo surgido no século VII da era cristã, o Islã não se posiciona como uma nova religião<sup>3</sup>. Apresenta-se como uma continuação da tradição religiosa instaurada por Abraão que, na verdade, remonta a Adão. Este não foi apenas o primeiro homem da criação, mas é considerado igualmente o primeiro profeta, portanto, todos os seguidores dos primeiros profetas – judeus, cristãos e outros – são vistos, pela concepção islâmica, como verdadeiros crentes em Deus.

Como já foi dito anteriormente, o início da religião islâmica data o século VII no Oriente Médio, especificadamente na Arábia Saudita. Uma vez situado o tempo e o espaço, é necessário a compreensão histórica que envolvia essa região determinada nesse tempo determinado. É bem verdade que o lugar já foi palco, há séculos, da revolução monoteísta, ou seja, da fé em um único Deus, tendo como

---

<sup>1</sup> **Islamismo será a maior religião do mundo?** Disponível em: <<https://www.portasabertas.org.br/noticias/2017/03/islamismo-sera-a-maior-religiao-do-mundo>>.

Acesso em: 26 jun. 2017

<sup>2</sup> Em árabe *Ahl al Kitab*, ou seja, aqueles que receberam revelações antes do profeta Maomé, a saber, judeus e cristãos. Em glossário dos termos: Al Corão.

<sup>3</sup> SARDAR, Ziauddin. **Em que acreditam os muçulmanos?**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010, p. 39.

protagonistas os judeus e cristãos – o que provavelmente serviu como meio facilitador na recepção da nova crença. Contudo, é impossível compreender a incrível expansão do Islã sem a compreensão das condições históricas em que Maomé e seus seguidores atuaram.

A Arábia do século VII estava à margem das duas superpotências do Oriente Médio: a Pérsia e o Império Bizantino. Este último surgiu com a divisão do Império Romano em dois, Ocidente e Oriente, em 330 d.C.. Embora a estrutura bizantina não tenha mantido a organização social e econômica dos romanos, esse império se mostrou incrivelmente duradouro, sobrevivendo por mais de mil anos, até a conquista turca, em 1453. O Império Bizantino nunca conheceu a separação entre religião e estado. As duas dimensões, espiritual e temporal, foram amalgamadas no chamado “cesaropapismo”<sup>4</sup>, que inclusive iria servir de modelo para a sobreposição entre religião e política no Islã. Com efeito, disputas religiosas se transformavam em conflitos políticos. O Império Persa, herdeiro da civilização do zoroastrismo – antigo sistema religioso-filosófico do século VI a.C. – constituiu o único Estado à altura do Império Romano e Bizantino.

As intermináveis guerras da época acabaram por inviabilizar a Rota da Seda, eixo comercial das caravanas que levavam seda e outros produtos da China, através da Pérsia, para todo o mundo mediterrâneo controlado por Constantinopla, capital do Império Bizantino (atual Istambul, na Turquia). Os comerciantes se viram obrigados a explorar novos caminhos alternativos para o trânsito das mercadorias. E isso beneficiou regiões inóspitas, em particular a cidade de Meca, tradicional centro de peregrinação de várias religiões por conta da presença de uma estranha pedra negra – um meteorito de 30 centímetros de diâmetro que é reverenciado como sagrado, junto ao qual mais tarde se ergueria uma construção em forma de cubo, cujo ângulos se alinham com os pontos cardeais, a Kaaba<sup>5</sup>, considerada pelos muçulmanos a Casa de Deus<sup>6</sup>. Existem diversas versões quanto ao surgimento da pedra negra naquele local. Uma primeira diz que ela desceu do céu, branca como a neve, mas que os pecados dos filhos de Adão a fizeram progressivamente escurecer. Outra versão acredita que ela foi trazida por Abraão e colocada ali. Outra ainda

---

<sup>4</sup> Iustus Henning Böhmer (1674-1749) desenvolveu, em uma passagem de seu manual de direito eclesiástico protestante, noções sobre os dois principais abusos de poder em matéria de religião, quais sejam a “Papo-Caesarismo” e a “Caesaro-Papismo”, para designar o Papa se dotando de um poder político e os soberanos laicos se encarregando de assuntos religiosos.

<sup>5</sup> Palavra árabe que significa “cubo”.

<sup>6</sup> DEMANT, Peter. **O mundo muçulmano**. São Paulo: Contexto, 2015, p. 24.

atribui à Gabriel – o anjo que anunciou à Maria de que ela seria a mãe de Jesus – a origem da pedra. Em ambas as versões se compartilha a crença de que, no dia do juízo final, a pedra voltará a ser branca<sup>7</sup>.

Os árabes eram predominantemente politeístas. Minorias judaicas e cristãs conviviam com uma população que cultuava os espíritos da natureza e centenas de deuses e deusas. Para estes, o santuário de Kaaba era por excelência o centro espiritual. Lá foram colocados 360 ídolos, um para cada dia do ano lunar. Peregrinos vinham a Meca uma vez por ano e reverenciavam todos os ídolos, um após o outro. Allah era uma das divindades cultuadas no santuário. Al-Ilah é a forma árabe de El, o Deus de Abraão. No entanto, Allah dispunha da mesma devoção que os outros ídolos recebiam. E o panteão árabe não se limitou aos 360 deuses do santuário. Praticamente cada casa tinha seu deus particular. O número destas divindades aumentava graças ao contato comercial e às relações matrimoniais com outros povos.<sup>8</sup>

## 2. O profeta Maomé

Considerado pelos muçulmanos como o último dos profetas enviados por Deus, Maomé – uma corruptela aportuguesada do nome original: Muhammad – nasceu por volta do ano 570 na tribo dos coraixitas, em Meca. Segundo a tradição islâmica, sua mãe recebeu a visita de um anjo que proclamou a chegada do profeta e instruiu a lhe pôr o nome de Muhammad (“o mais louvado”). Seu pai, Abdullah, morreu antes do seu nascimento<sup>9</sup>. Tal como era o costume na época, as grandes famílias das cidades árabes mandavam seus filhos, logo após o nascimento, para o deserto, a fim de passarem parte da infância entre os beduínos. Acreditava-se que seus valores morais eram mais fortes do que os que existiam no ambiente urbano de Meca, além da vida no deserto ser considerada mais saudável. Aos seis anos, Maomé ficou órfão de mãe e passou a ser cuidado pelo avô, chefe da tribo coraixita e guardião do santuário de Kaaba. Dois anos mais tarde morre também seu avô. O menino foi então confiado ao tio, Abu Talib, um dos comerciantes da cidade. Durante o tempo em que viveu com o tio, Maomé participava nas viagens de negócios. Numa

---

<sup>7</sup> SILVA, Teresa de Almeida. **Islão e Fundamentalismo Islâmico**: das origens ao Século XXI. Lisboa: PACTOR, 2016, p. 8.

<sup>8</sup> ARANTES, José Tadeu. **O maior perigo do Islã: não conhecê-lo**. São Paulo, Editora Terceiro Nome, 2005, p. 12.

<sup>9</sup> FARAH, Paulo Daniel. **O Islã**. São Paulo: Publifolha, 2001, p. 16.

dessas viagens aconteceu um fato marcante em sua história: a caravana havia parado próximo a casa de um monge cristão que, ao avistar Maomé, reconheceu nele o dom da profecia<sup>10</sup>. Foi aos poucos aprendendo o ofício do tio, tanto que, já aos 25 anos, foi abordado por uma rica viúva, Khadija, que lhe pediu que fosse à Síria em seu favor, a fim de fechar um negócio. Ele aceitou e a viagem foi considerada um sucesso: Maomé, com grande honestidade escrupulosa, havia obtido um lucro maior do que Khadija esperava. Foi então que ela, intrigada e fascinada pelo jovem, lhe propôs casamento: Khadija com 40 anos e Maomé com 25. A idade não foi empecilho para que o casamento pudesse acontecer, como assim aconteceu.

Já com aproximadamente 40 anos, Maomé era contrário às práticas que comumente se via na sociedade daquela época: conflitos diversos, ilegalidades, crueldade e degradação moral. Começou a se retirar para a caverna de Hirá, no Monte Nur (da luz), a alguns quilômetros de Meca. Costumava ir só, às vezes Khadija lhe acompanhava. Lá passava toda a noite, pensando e meditando. Foi justamente numa dessas vezes, na caverna, no ano 610, que Maomé recebeu sua primeira revelação. Estava sozinho, cansado, quase adormecido... Quando, de acordo com a tradição islâmica, recebeu a visita do anjo Gabriel que lhe pediu para ler. Quando Maomé respondeu que não sabia ler o anjo o apertou a ponto de lhe desfalecer as forças. Novamente o anjo lhe pede para ler. E então Maomé lhe pergunta: “o que vou ler?” Foi então que o anjo transmitiu:

“Lê em nome do teu Senhor, Que criou – Criou o ser humano a partir de um coágulo que se adere (a parede do útero). Lê, que o teu Senhor é o mais generoso, Quem ensinou (o ser humano) através da pena – Ensinou ao ser humano o que este não sabia.”<sup>11</sup>

Antes de desaparecer, Gabriel alertou Maomé de que eles se veriam com frequência, a fim de continuar a revelação que, mais tarde, constituiria o livro sagrado islâmico: o Corão<sup>12</sup>. Trêmulo de medo, Maomé desceu a montanha e correu

<sup>10</sup> ARANTES, José Tadeu. **Op. Cit.**, p. 16.

<sup>11</sup> **Al Corão**, Sura 96, 1-5

<sup>12</sup> A tradição islâmica afirma que O Corão foi revelado pelo anjo Gabriel a Maomé durante um período

todo o caminho até Meca, indo direto para Khadija. Com muito frio implorou para que sua esposa o agasalhasse, enquanto lhe contava tudo o que havia acontecido na caverna. Após essa primeira revelação, afirmam biógrafos e comentaristas, Maomé sofreu muito com a angústia mental<sup>13</sup>. Contudo, continuou seus retiros na caverna de Hira e passou a experimentar novas revelações por parte do anjo. Maomé passou a aceitar então seu papel de profeta e começou a exortar o povo de Meca para que abandonassem a idolatria aos deuses e aceitassem ao Deus onipotente como criador (Allah). Khadija foi a primeira a seguir seus ensinamentos e, aos poucos, também seus familiares<sup>14</sup>.

Os coraixitas estavam descontentes com as atividades deste movimento que nascia. A priori, a mensagem que se difundia tinha natureza religiosa, mas implicitamente seguia também uma crítica político-social à vida dos habitantes de Meca. Começaram as ameaças pelos ataques que o movimento fazia contra os ídolos e pela reivindicação de ajuda aos pobres, até que, finalmente, a pregação do Islã<sup>15</sup> evocou uma furiosa perseguição contra Maomé e seus seguidores. Os habitantes de Meca não admitiram ter suas vidas contrastadas pelo zelo de um jovem que pregava uma novidade insustentável para aquele povo. Segundo Maomé, se tratava de um retorno à pura religião de Abraão, o ancestral dos árabes, na medida em que a Torah dos judeus e o Evangelho dos cristãos haviam alterado as revelações primitivas<sup>16</sup>.

A despeito das perseguições, Maomé continuou a advertir as pessoas das terríveis consequências de ignorar a vontade de Deus por uma sociedade justa. Sua mensagem era popular e atraía mais seguidores. A reputação do líder muçulmano como homem sábio e justo mediador transcendia Meca, mas de igual forma aumentava o número de opositores, que se colocavam contra o Islã<sup>17</sup>. Em 622 – três anos após a morte de sua esposa, Khadija<sup>18</sup> – a primeira comunidade muçulmana se

---

de vinte e três anos, tornando-se o livro sagrado para os muçulmanos. (FARAH, Paulo Daniel. **Op. Cit.**, p. 22.)

<sup>13</sup> SARDAR, Ziauddin. **Op. Cit.**, p. 46.

<sup>14</sup> Os primeiros seguidores de Maomé autodenominavam-se “muçulmanos”, que significa “aqueles que se entregam a Deus”. (SILVA, Teresa de Almeida. **Op. Cit.**, p. 11.)

<sup>15</sup> A palavra islã significa “submeter-se” à obediência da lei e à vontade de Allah.

<sup>16</sup> PIERRARD, Pierre. **História da Igreja**. São Paulo: Paulinas, 1982, p. 64.

<sup>17</sup> SONN, Tamara. **Uma Breve História do Islã**: Um guia indispensável para compreender o islã do século XXI. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004, p. 30.

<sup>18</sup> Até a morte de Khadija (619), Maomé permaneceu monogâmico. Após, o profeta se enveredou pela poligamia, não existindo consenso ao número de esposas, contudo, parece certo que foram nove. O corão aconselha até quatro esposas. Mas estudiosos indicam que algumas uniões tiveram

viu obrigada a fugir contra a repressão para a cidade de Iatreb (aproximadamente 300 quilômetros ao norte de Meca), cuja população se colocava favorável ao Islã. Tanto que, em pouco tempo, a cidade de Iatreb mudara seu nome para Medina-tun Nabi – a cidade do Profeta<sup>19</sup>. Essa fuga para Medina recebeu o nome de Hégira (migração) e marca o início do calendário muçulmano.

Em Medina, Maomé ainda teve que enfrentar forte resistência, o que resultou em algumas lutas sangrentas. Com efeito, os coraixitas de Meca viriam a atacar Medina por três vezes, com o propósito de eliminar Maomé: em 624 (batalha de Badr), em 625 (batalha de Uhud) e em 627 (batalha de Fosse). Em 630 Maomé iniciou o combate à Meca com um exercito de 10 mil homens. Esgotada, Meca se rendeu sem combater. O patriarca da cidade, Abu Sufian, um dos principais inimigos do profeta dos muçulmanos, se converteu antes de haver a batalha. Com isso, Maomé retorna à cidade que anteriormente havia sido expulso e impõe aos habitantes de Meca o Islã como única religião. Vitorioso, o profeta ordena a destruição dos 360 ídolos existentes no santuário de Kaaba, mantendo, porém, a pedra negra como dádiva de Deus. Os muçulmanos iam, aos poucos, impondo sua superioridade militar, possibilitando ao profeta a reorganização da sociedade, sobretudo em Medina, transformando-a no primeiro, mesmo que pequeno, Estado muçulmano<sup>20</sup>. Os derrotados foram expulsos, exterminados ou convertidos, enquanto que os novos fiéis se comprometiam a realizar guerras de expansão do islã. Desse modo, as tribos conquistadas eram aglutinadas à comunidade muçulmana. Foi assim que Maomé se transformou de pregador desprezado, em líder político e militar.

Em menos de dez anos após a hégira, Maomé unificou toda a península Arábica sob a bandeira do Islã. E em março de 632 o profeta realizaria seu último discurso em sua última peregrinação à Meca, delineando os pilares do Islã. Em junho do mesmo ano e de volta a Medina, Maomé adoece e morre<sup>21</sup>. A obra política do profeta do islã não ficou inconclusa com sua morte. Ele fundara um império com uma capital religiosa e política, construía uma nação a partir de um aglomerado de tribos desgarradas e dera a elas um ponto de união, a religião comum, nela

---

caráter político e não simplesmente voluntário. (SILVA, Teresa de Almeida. **Op. Cit.**, p. 14.)

<sup>19</sup> SARDAR, Ziauddin. **Op. Cit.**, p. 54.

<sup>20</sup> DEMANT, Peter. **Op. Cit.**, p. 26.

<sup>21</sup> O último suspiro do profeta foi dado nos braços de sua atual esposa, Aisha, no quarto onde acabou sendo sepultado e que hoje faz parte de moderno complexo da Mesquita da Cidade Santa de Medina. (SILVA, Teresa de Almeida. **Op. Cit.**, p. 14.)

descobrimo um vínculo mais permanente que o de uma dinastia<sup>22</sup>.

### 3. A expansão do Islã após a morte de Maomé

Com a morte de Maomé não se produziu uma dissolução do sentido religioso islâmico, pelo contrário, a continuação do projeto foi dada com extrema força. Além disso, os califas que sucederam Maomé não deixaram esmorecer o trabalho do profeta. A saber, a palavra califa (do árabe *klalifa*) significa “representante” ou “delegado” e era designada ao líder da comunidade muçulmana. Era do califa a responsabilidade pela criação da infraestrutura sob as quais os muçulmanos iriam viver os princípios islâmicos, mas, especialmente, ele é quem deve prosseguir com a conversão de fiéis para a fé do islã. Os quatro califas que vieram em seguida a Maomé, considerados *rashidun*, expressão que significa “bem guiados”, foram escolhidos de entre os companheiros mais próximos do profeta. Foi pelas mãos destes quatro homens que o Islã expandiu além-fronteiras.

### 4. Abu Bakr (632-634)

Era sogro do profeta, pai de Aisha<sup>23</sup>. Permaneceu perto de Maomé durante toda a sua vida. Após ser eleito de forma unânime, Abu Bakr fez o seguinte discurso: “Fui escolhido por vós para ser vosso líder, embora não seja melhor que nenhum de vocês. Se eu fizer o bem, deem-me seu apoio. Se eu fizer qualquer mal, endireitem-me...”<sup>24</sup>. Embora rico, viveu de forma simples, gastando seu dinheiro na caridade e nas causas do islã. Durante seu califado o islã assegurou o domínio da Arábia e multiplicou as incursões na Síria e Iraque. Além de ficar conhecido pelo bom desempenho militar, Abu também sustentou a fama de ser homem íntegro, sábio e benevolente. Antes de sua morte designou Omar como seu sucessor.

### 5. Omar ibn Khattab (634-644)

Era mercador, atividade que o levou a conhecer diferentes povos e diferentes realidades no mundo oriental. Tal experiência lhe deu mais expertise nos problemas e assuntos em seu califado. Considerado violento, moderou seus ímpetos ao se

---

<sup>22</sup> MARGOLIOUTH, David Samuel. **Maomé e a ascensão do Islã**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012, p. 405.

<sup>23</sup> De acordo com a tradição islâmica, mesmo divergindo no número exato, Maomé teve outras esposas além de Khadija, como também concubinas.

<sup>24</sup> SARDAR, Ziauddin. **Op. Cit.**, p. 70.

tornar líder da comunidade muçulmana. Entre seus maiores feitos está a vasta expansão islâmica. Em 638 tomou Jerusalém, entretanto, em respeito as outras religiões do livro – judaísmo e cristianismo – impediu que seus seguidores rezassem no Santo Sepulcro e o transformassem em mesquita. Na mesma época, Síria, Egito, Líbia e Iraque foram conquistados, enfrentando os persas e saindo vitorioso. Esse período é visto por muitos como a Idade de Ouro do Império Muçulmano. Omar criou o primeiro arquétipo do Estado Árabe e fixou o calendário islâmico. Foi assassinado por um escravo cristão persa. Em seu leito de morte teve tempo para escolher o próximo califa: Othman.

## **6. Othman ibn Affan (644-656)**

Foi genro de Maomé e um prestigiado mercador. Apesar de sua riqueza e posição, seus parentes o submeteram à tortura por ele ter aderido à causa do islã, o obrigando a fugir. Mais tarde regressa a Meca, rapidamente se muda para Medina na companhia de outros muçulmanos. Com Othman como califa, o islã alcançou o norte da África (Marrocos) e, no Oriente, Afeganistão, Armênia e Azerbaijão. Os seis primeiros anos de seu califado foram marcados pela paz e tranquilidade, os últimos seis teve que enfrentar sérias revoltas internas que puseram em cheque seu poder de governo. Sua maior realização foi, sem dúvida, a compilação do Corão<sup>25</sup> a partir das memórias e testemunhos escritos existentes. Othman foi assassinado enquanto lia o Corão em Medina<sup>26</sup>.

## **7. Ali Ibn Talib (656-661)**

Com a morte de Othman o povo implorou que Ali assumisse o califado. Primo de Maomé, Ali se casou com uma de suas filhas, Fatima. Seu reinado durou cinco anos e foi marcado por grandes desavenças internas. A ascensão de Ali foi contestada por Muawija, poderoso governador da Síria e parente do ex-califa Othman, levando a situação à batalha de Siffin; mas os dois lados decidiram solucionar a disputa por arbitragem. Os árbitros sugeriram que ambos deveriam abdicar de suas reivindicações e uma terceira pessoa deveria ser eleita califa. Tal

---

<sup>25</sup> A revelação feita ao profeta, em árabe, durante um período de 23 anos, começou a ser compilada já na vida de Maomé, mas é fixada definitivamente durante o governo do califa Othman ibn Affan (644-656). O texto do Corão em vigor atualmente é o mesmo dessa compilação, considerada autêntica. (FARAH, Paulo Daniel. **Op. Cit.**, p. 23.)

<sup>26</sup> SARDAR, Ziauddin. **Op. Cit.**, p. 77.

situação aumentou a inimizade entre ambos os lados e levou a outro problema: um grupo dos seguidores de Ali sentiu o descrédito do califa e formaram um partido próprio, os caridjitas<sup>27</sup>, a primeira dissidência do islamismo. Ali foi assassinado em 661 ao entrar na mesquita de Kufa para as orações matutinas, provavelmente por membros dos caridjitas.

A história da construção do islamismo não ocorreu sem deixar cicatrizes, mas nos conta como viveram o profeta e seus companheiros mais próximos, representando fonte constante de inspiração para os muçulmanos. Ao contrário de Jesus, que mandou os discípulos oferecerem a outra face a quem lhes dava um tapa, Maomé propagou sua fé com conquistas militares e tratados diplomáticos. Uma generalização equivocada dessa contingência histórica levou – e ainda hoje leva – alguns de seus seguidores a uma perspectiva religiosa exclusivista e propensa à guerra. Entretanto, o Islã sempre se apresentou como uma religião simples, com dogmas claros, obrigações e proibições, com um culto sem complicações, sem clero, sem liturgia<sup>28</sup>. Grande parte das pessoas havia sido atingida de forma superficial pelo cristianismo bizantino, talvez por isso a islã tenha surgido como uma resposta mais próxima do povo daquela época. Os deveres dos fiéis se resumem nos cinco<sup>29</sup> pilares do islã:

- **Profissão de fé (Shahada)**<sup>30</sup> – É a confissão que efetua a conversão. O crente afirma a unidade do Deus onipotente e aceita Maomé, numa fórmula que doravante repetirá inúmeras vezes: “Não há outro Deus e Maomé é seu profeta”. De forma mais incisiva do que no judaísmo e no cristianismo, o islã enfatiza a unicidade de Deus, abominando o politeísmo e considerando-o como maior pecado. Daí a severidade contra a veneração de espíritos, santos e imagens, além de uma total incompreensão diante da realidade cristã de um Deus unotrino.

<sup>27</sup> A causa do cisma caridjita foi a decisão de Ali em se submeter à arbitragem dos homens, “negando” Deus como único juiz e árbitro. Causa esta considerada por muitos como o primeiro indício do fundamentalismo no mundo islâmico. (SILVA, Teresa de Almeida. **Op. Cit.**, p. 34.)

<sup>28</sup> PIERRARD, Pierre. **Op. Cit.**, p. 65.

<sup>29</sup> Uma minoria de crentes radicais acredita que exista um sexto pilar no Islã – a *Jihad*, ou seja a luta armada contra os infiéis e inimigos do Islã. SILVA, Teresa de Almeida. **Op. Cit.**, p. 47.

<sup>30</sup> “Certamente, sou Deus, não há divindade além de mim. Então, me adora, e estabelece a Oração em conformidade com as suas condições em lembrança a Mim.” (**Al Corão**, Sura 20:14)

- **Oração (Salat)**<sup>31</sup> – É a oração que se faz cinco vezes ao dia (Alvorada, Meio dia, Meio da tarde, Pôr do Sol, Noite). Uma veneração a Deus, dispensando pedidos por benefícios. A submissão (representada literalmente pela prostração) é incondicional. Todas as orações são feitas em direção a Meca e, na sexta-feira, a comunidade se reúne na mesquita para a oração comunal.
- **Esmola (Zakat)**<sup>32</sup> – Corresponde à *tzedaka* judaica ou ao dízimo cristão. Todos entregam uma parcela da renda para fins sociais: assistência aos pobres, refeições comunais, etc. Não se caracterizando como ato de caridade, mas como um dever religioso.
- **Jejum (Ramadan)**<sup>33</sup> – É o mês do jejum que, ao contrário do que acontece no cristianismo, não tem caráter de penitência, mas sim de purificação e ascese para Deus. Durante o mês inteiro em que se comemora o recebimento do Corão, os fiéis se abstêm, do nascer do sol ao por do sol, de relações sexuais, comida e bebida (inclusive água). Neste mês os crentes devem se dedicar à meditações e leituras do Corão. Contudo, o Ramadan é também período de alegria e de visitas familiares.
- **Peregrinação (Hajj)**<sup>34</sup> – É a peregrinação a Meca e seus santuários. Uma obrigação que deve ser cumprida ao menos uma vez na vida por todo muçulmano saudável e que disponha de meios para tal empreendimento.

---

<sup>31</sup> “Recita e transmite-lhes o que te foi revelado do Livro, e estabelece a oração de acordo com suas condições. Certamente a oração restringe de tudo o que é mau. Certamente a lembrança de Deus é o maior. Deus sabe tudo o que fazei” (**Al Corão**, Sura 29:45)

<sup>32</sup> O exemplo daqueles que gastam suas riquezas na causa de Deus é como o de um grão que brota sete espigas, e em cada espiga, cem grãos. Deus multiplica a quem Ele quer muito mais. (**Al Corão**, Sura 2:261)

<sup>33</sup> O mês do Ramadã no qual o Corão foi revelado como orientação para as pessoas, e como verdades claras de orientação e critério. Portanto, quem de vós presenciar este mês deverá jejuar...” (**Al Corão**, Sura 2,185)

<sup>34</sup> “As colinas de As-Safa e Al-Marwa estão entre os rituais que Deus designou... Portanto, todo aquele que faz o hajj não comete pecado... Os que voluntariamente o fazem, receberão recompensa: Deus é agradecido, sapientíssimo.” (**Al Corão**, Sura 2,158)

## 8. Os livros sagrados: Bíblia e Corão

Assim como os cristãos herdaram toda a experiência religiosa dos judeus e, com a encarnação do Verbo, partiram para a sua própria experiência, os muçulmanos, por sua vez, herdaram boa parte da tradição religiosa judaico-cristã para depois formarem seu caminho próprio de encontro com o divino. Essas heranças se tornam visíveis na Bíblia e no Corão. A um muçulmano pode parecer presunção o fato de cristãos estudarem o vosso livro sagrado. É unânime o consentimento de que a compreensão adequada do Corão só é possível a quem vive na comunidade de fé dos muçulmanos. Assim, também ao contrário, a compreensão adequada da Bíblia só pode ser feita por aqueles que vivem e são motivados por ela. Na Bíblia e no Corão há elementos que unem cristãos e muçulmanos e outros que os separam. O professor emérito de exegese do Novo Testamento e Hermenêutica Bíblica da Universidade de Munique, Joachim Gnilka, renomado pesquisador na área de ciências bíblicas e autor de numerosas publicações, elencou os principais pontos de convergência e divergência entre cristãos e muçulmanos, entre a Bíblia e o Corão<sup>35</sup>. Primeiramente, portanto, os pontos de unidade:

- Bíblia e Corão representam uma religião de revelação. Isso significa que o conhecimento de Deus somente se tornou possível pelo fato de Deus se revelar e se manifestar ao homem.
- Bíblia e Corão representam religiões monoteístas. Isso significa que Deus é único, rejeitando a ideia politeísta. O Corão está visivelmente empenhado em aliar-se ao Deus da Bíblia. O Deus do Corão é o Deus da Bíblia.
- Em continuidade com a Bíblia, o Corão vê o mundo como criação de Deus. Deus criou o céu e a terra. É possível identificar seus vestígios na criação. Deus é adorado por causa da sua criação.
- Bíblia e Corão representam religiões abraâmicas – ambas se referem a Abraão. No Corão esse aspecto aparece mais intensamente,

---

<sup>35</sup> GNILKA, Joachim. **Bíblia e Alcorão**. O que os une, o que os separa. Edições Loyola: São Paulo, 2006, p. 216.

uma vez que o islamismo é denominado religião de Abraão.<sup>36</sup>

- No Corão sempre se fala de Jesus com palavras respeitadas, jamais em termos pejorativos. Dele se diz que era fortalecido pelo Espírito Santo e que Deus o instruiu na escritura, na sabedoria e no Evangelho. Também a respeito de Maria, a mãe de Jesus, repetida vezes se fala com veneração. Ela gerou Jesus virginalmente. Afirma-se a virgindade de Maria.
- Em concordância com a Bíblia, o Corão ensina que toda a humanidade tem sua origem em Adão, o primeiro homem. Feito da terra e à terra retornou. Dotado de capacidades, está no topo da criação. Pela sedução, tornou-se desobediente a Deus. Não está livre da tentação.
- Em concordância com a Bíblia, no Novo Testamento, o Corão espera pelo “dia” do juízo universal, com a ressurreição dos mortos. O dia está próximo. Essa expectativa determina os inícios tanto do cristianismo como do islamismo. Nesse dia, os livros serão abertos. Só Deus tem conhecimento da hora. O último tempo, antes do fim, é uma época de escalada do mal.
- O Corão conhece o decálogo, interpretando-o, contudo, em diversos pontos, a seu modo. Isso se aplica especialmente à concepção de matrimônio e família. Continua viva a ideia veterotestamentária da guerra em nome de Deus. Deve-se ressaltar a dedicação ética do Corão aos pobres, pedintes e necessitados. A prática da esmola é o mais importante mandamento.

Observando a lista dos elementos que unem Bíblia e Corão, torna-se claro que o aspecto comum tem raiz no Antigo Testamento. Jesus é um capítulo à parte. Deve-se dar atenção a essa relação com o Antigo Testamento, que vale tanto para o Novo Testamento como para o Corão, e que então é interpretado em direções diversas. Ponto central para a nova interpretação cristã do mundo e da história é a

---

<sup>36</sup> **Al Corão**, Sura 22, 78

revelação de Deus ocorrida em Jesus Cristo. Com isso iniciam-se os pontos que separam: Bíblia e Corão, cristãos e muçulmanos:

- Jesus Cristo – encarnado, morto e ressuscitado – é o ponto culminante da revelação de Deus aos cristãos. É Deus que se revela na imanência da história. Já a revelação máxima para os muçulmanos está completamente no Livro. Deus se revela no Livro. Não sai de sua transcendência. Acrescenta-se ainda a ideia errônea que o Corão tem da fé trinitária cristã: Deus (Pai), Jesus e Maria seriam as três divindades coexistentes. Isso de fato seria politeísmo. O Espírito Santo provavelmente foi assimilado como um anjo.
- Conforme a fé cristã, Jesus é mais do que um profeta, na linha dos antigos profetas. Ele é o Filho, o “Primogenito”... O Corão ataca essa crença com palavras fortes, julgando-a inclusive como pecado imperdoável. O Corão, neste ponto, não ataca Jesus – Jesus não teria tido essa pretensão, inclusive a teria rejeitado, mas foram as pessoas que viram nele o Filho de Deus. Esse pode ser considerado o ponto fundamental de separação.
- O Corão também não tem nenhuma compreensão para a ideia cristã de redenção. A pessoa redime-se de algum modo por si mesma, observando os mandamentos de Deus. Neste caso o islã se caracteriza como religião da lei, onde somente os predestinados alcançarão o destino eterno.
- A referência comum a Abraão sofre diversas interpretações. Mas talvez o principal dado seja o que procede a partir daqui: os caminhos se separam. Para judeus e cristãos, a linha da promessa segue a linha do filho de Sara, Isaac, para os muçulmanos será o filho da escrava Agar, Ismael.
- Na escatologia, cristãos e muçulmanos são influenciados pela apocalíptica. Cristãos esperam a volta de Cristo, a comunhão com ele e a participação na vida divina. Os muçulmanos almejam o paraíso.

A confissão de Jesus Cristo como verdadeiramente Deus e verdadeiramente homem – concepção que marca a Igreja cristã-católica<sup>37</sup> – é o ponto máximo de divergência entre cristãos e muçumanos. Mas há, sobretudo, dois pontos apropriados para nos aproximar: a referência da experiência inicial com Abraão e a fé no mesmo Deus, criador de tudo e de toda a humanidade. Aqui e em outros âmbitos surge a possibilidade e a necessidade da ação conjunta no serviço à humanidade em prol da justiça e da paz. Esse serviço requer como único pressuposto o conhecimento e o respeito mútuo.

---

<sup>37</sup> Jesus possui duas naturezas que não se transformam nem se misturam: a divina e a humana. Este é um dogma de fé promulgado no ano de 451, no Concílio de Calcedônia.

## Capítulo II

### A deturpação do sentido religioso islâmico

A pesquisa quer averiguar neste capítulo alguns dos possíveis pontos que poderiam justificar a acentuação fundamentalista e radical na expressão de fé islâmica. O intento é ir além do levantamento destes pontos, buscando compreender o porquê de seus surgimentos e como eles provocaram uma nova leitura, por vezes generalizada, do muçulmano contemporâneo.

#### 1. A entrada do fundamentalismo no mundo muçulmano

“O Senhor teu Deus pouco a pouco irá expulsando essas nações da tua frente. (...) É o Senhor teu Deus quem vai entregá-las a ti: elas ficarão profundamente perturbadas até que sejam exterminadas. Ele vai entregar seus reis em tua mão, e ti apagarás o seu nome de sob o céu: ninguém resistirá em tua presença, até que os tenha exterminado.” Este trecho não vem do Corão, mas da Bíblia, no Antigo Testamento<sup>38</sup>, precisamente no livro do Deuteronômio (7,22-24). Fazer guerra em nome de Deus é uma ideia que não é exclusiva do Corão. Poder, violência e guerra desde sempre foram possibilidades negativas das relações culturais entre os povos. Num ambiente marcado pelo religioso, era possível contar com Deus como aliado e como ajudante. Houve época em que os motivos levavam a reprimir as guerras, mas houve também época em que os textos sagrados foram usados, justificando a violência, em função dos próprios interesses ou de uma perspectiva fechada e intransigente.<sup>39</sup> Na última década o islã tem estado nos noticiários quase sempre em conexão com algum tipo de violência. Isto pode levar à conclusão errônea que o islã é uma religião inerentemente violenta. O islã não é mais violento que outras religiões, nem predispõe seus seguidores ao fanatismo e à violência.<sup>40</sup> Portanto, de onde surge o estereótipo fundamentalista do muçulmano atual?

Em primeiro lugar, ninguém nasce fundamentalista. Experiências religiosas e políticas, entre outras, levam determinados crentes a adotar a visão fundamentalista. Dado isso, já se nota indícios da prática fundamentalista em outros momentos da história islâmica, desde os próprios caridjitas no século de fundação. Mas foi no final

---

<sup>38</sup> **Bíblia de Jerusalém.** São Paulo: Paulus, 2012.

<sup>39</sup> GNILKA, Joachim. **Op. Cit.**, p. 204.

<sup>40</sup> DEMANT, Peter. **Op. Cit.**, p. 340.

do século XX que o Islã experimentou sua versão mais radical do fundamentalismo. O seu impacto tem sido tal que a própria palavra ‘fundamentalismo’ entrou na moda e tem hoje uma utilização corrente, até por vezes excessiva, na linguagem vulgar. E, no entanto, ainda há poucos anos não figurava em muitos dos dicionários gerais, nem mesmo nas melhores enciclopédias. A ideia que está por detrás do termo fundamentalismo tem como implicação uma marca distintiva na prática política, social, ideológica, cultural e religiosa que acentua um ponto de vista tido como verdade absoluta. Apesar de que o estudo presente tem sua atenção e pesquisa na vertente islâmica, é preciso dizer que o fundamentalismo não é exclusividade do Islã. Pelo contrário, encontrou expressão igualmente noutras religiões. Não é fácil identificar a origem do fundamentalismo, tanto mais que o termo aparece hoje com as mais diversas aplicações. Neste sentido, fundamentalismo se identificará com extremismo, qualquer que seja, sobretudo se assumir uma versão que quem o pretende combater considera aberrante e carecida de sentido.<sup>41</sup>

No livro “Fundamentalismo religiosos, violência e sociedade”, os autores colocam os Estados Unidos do século XVII como origem do fundamentalismo: uma corrente teológica, no meio protestante, posicionou-se contra às tendências da teologia liberal oriunda da Europa, que eram respostas aos questionamentos iluministas, associando cada vez mais a ciência da religião. De acordo com os autores, tais teólogos elaboraram um documento que sintetiza os pontos considerados importantes para uma teologia que pretenda respeitar a verdade bíblica. Entre estes pontos está a divindade de Cristo e a certeza de sua segunda volta.<sup>42</sup> Em suma, a literalidade bíblica. Peter Dement, em seu livro<sup>43</sup>, aprofunda e traz uma retrospectiva desse fundamentalismo cristão, cada vez mais ligado ao messianismo. Peter destaca que com a iminência do fim do mundo, os fundamentalistas se preparam para participar da minoria a ser salva, enquanto o resto do mundo, mergulhado no pecado, permanece perdido, a menos que se converta a tempo. Tal posicionamento protestante se difundiu e se particionou em inúmeras seitas, oscilando entre o isolamento e um proselitismo agressivo. Mas o que se verifica, na maior parte dos casos considerados extremos, é que fundamentalistas surgiram com o objetivo de defender um retorno aos fundamentos

---

<sup>41</sup> LOPES, Domingos; SÁ, Luís. **Com Alá ou com Satã: O fundamentalismo em questão**. Porto: Campo das Letras, 1997, p. 25.

<sup>42</sup> PACE, Enzo. **Fundamentalismos religiosos, violência e sociedade**. São Paulo: Edições Terceira Via, 2017, p. 34.

<sup>43</sup> DEMANT, Peter. **Op. Cit.**

da religião, como meio para a progressiva mudança social dos membros mais pobres e para o incremento da participação política por parte das massas. Este último é uma característica mais aceita entre os estudiosos do tema como sendo o combustível primeiro para o surgimento do extremismo. Domingos Lopes e Luís Sá ampliam o entendimento ao dizer que tal forma de extremismo caracteriza-se pela promessa utópica de regresso a um passado idealizado e mitificado, cuja grandeza deveria ser retomada através do respeito por uma natureza perdida<sup>44</sup>. No mundo muçulmano isso se aplica na interpretação literal do Corão e num modo de vida tradicional como solução para os problemas modernos. Mas acabou por tornar-se uma distorção do sentido religioso com o intuito de legitimar suas práticas<sup>45</sup>. É fato importante a se destacar que no Islã não há distinção entre as esferas secular e religiosa.

Determinar as causas do fundamentalismo islâmico parece ser uma tarefa difícil. Contudo, talvez se possa apresentar como uma das principais causas do seu surgimento o fato de os protótipos de sistemas políticos que o Ocidente tentou implementar no mundo muçulmano terem fracassado. Aliado a isto estão as tentativas dos próprios países muçulmanos com seus sistemas governamentais, mas que também fracassaram por falta de alicerces sólidos. Assim, alguns movimentos pareceram ter encontrado a solução para os seus problemas na fé. E é a defesa – por vezes violenta – desta fé que nos permite falar de fundamentalismo islâmico.<sup>46</sup> Para o padre Samir Khalil, professor de estudos islâmicos da universidade de Beirute, Líbano, o problema do islamismo radical, ou fundamentalista, apresenta aspectos históricos. Ele relata que desde o fim do Império Otomano, oficialmente extinto em 1924, o mundo árabe fragmentou-se em movimentos nacionais (países) que lutavam contra o controle ocidental na região. Sem mais a Turquia como a referência para mundo islâmico, como era durante o império, surge a Irmandade Muçulmana<sup>47</sup>, no final da década de 20, por Hassan al-Banna e estudantes, no Cairo, Egito. Al-Banna era professor e reivindicou um retorno (fundamentalista) às origens, aos princípios corânicos. Os objetivos e motivações eram: a rejeição ao colonialismo e aos valores ocidentais, retorno à pureza do Islã, sacrifício extremo pela causa,

---

<sup>44</sup> LOPES, Domingos; SÁ, Luís. **Op. Cit.**

<sup>45</sup> FARAH, Paulo Daniel. **Op. Cit.**, p. 72.

<sup>46</sup> SILVA, Teresa de Almeida. **Op. Cit.**, p. 67.

<sup>47</sup> Vide subitem 2 deste capítulo.

assistencialismo islâmico, tomada do poder político por meios revolucionários, refundação do califado unificado no mundo muçulmano sob a autoridade exclusiva do Corão e abolição de todas as instituições implantadas no mundo islâmico pelo Ocidente, com a conseqüente extinção dos estados árabes tais como existem hoje e a eliminação de Israel. Essa é hoje a considerada raiz fundamentalista islâmica aos olhos do padre Khalil.

“O fundamentalismo islâmico é uma reação contra o compromisso estabelecido com a sociedade secular moderna, bem como uma expressão do desejo de manter ou redescobrir os valores essenciais da fé. Desde o primeiro cisma, aquando da sucessão de Maomé, até à submissão do Dar al-Islam (mundo islâmico) ao Ocidente materialista no século XX, os muçulmanos têm sido sujeitos à divisão, ao descrédito, ao imperialismo, ao colonialismo, à tirania, à corrupção e, mais recentemente, à reocupação, tanto econômica como militar. O fundamentalismo islâmico parece querer afastar esta história desfigurada e restabelecer a submissão à palavra de Deus, seguindo os princípios mais puros ocultos no Alcorão.”<sup>48</sup>

A luta, aparente transformadora, que o fundamentalismo assume em certos casos não exclui aspectos inaceitáveis e intoleráveis à partida, como, por exemplo, as regras do direito criminal ou o modo como é encarada, em muitos casos, a situação da mulher. Os autores do livro “Com Ala ou com Satã” afirmam que o fundamentalismo, quando se transforma em corrente religiosa dominante, afirma sua veracidade absoluta e exclui a legitimidade de qualquer outra confissão religiosa; e como a verdade única religiosa é também política, a contestação política é também excluída. Afinal, a separação entre o campo laico e o campo religioso é fruto do pensamento de homens como Maquiavel, Hobbes, Locke ou Rousseau; é desconhecida para correntes de pensamento europeias medievais, tal como é excluída hoje para o fundamentalismo islâmico.<sup>49</sup>

---

<sup>48</sup> GRIEV, Paul. **A brief to Islam**. New York: Carroll & Graf Publishers, 2006, p. 307.

<sup>49</sup> LOPES, Domingos; SÁ, Luís. **Op. Cit.**, p. 40.

Sob a forma de tópicos e com mais detalhes, segue abaixo outras causas na origem do fundamentalismo islâmico de acordo com os autores Coggiola<sup>50</sup>, Lara<sup>51</sup> e Pinto<sup>52</sup>:

- Uma crise de identidade do mundo árabe;
- Uma reação do laicismo ao reformismo e à secularização (casos típicos do Irã, Turquia e Argélia). Com efeito, o movimento de secularização do mundo muçulmano evidenciou-se na década de 20, no século passado. A Turquia independente de Mustafa Kemal (Atatürk) cortou o cordão umbilical do mundo muçulmano, ao suprimir, em 1924, o califado. Com a laicização do país, Atatürk tentou combater a influência cultural e religiosa do Islã sobre a população, dando início a um programa forçado de ocidentalização. Por outro lado, durante a dinastia Pahlavi (1925-1979), também o Irã conheceu algumas tentativas de modernização, as quais acabariam frustradas com o triunfo da Revolução Islâmica, em 1979.
- Uma reação etnocêntrica e xenofóbica (entendendo-se a xenofobia do ponto de vista cultural), ou seja, uma reação xenofóbica contra qualquer modelo estrangeiro apresentado.
- A divisão do Império Otomano em diferentes Estados independentes fez surgir neles o nacionalismo e as ideologias transnacionais, tais como o pan-arabismo que, com Nasser<sup>53</sup>, conseguiu atrair inúmeros partidários em diversos países. Com efeito, o pan-arabismo projetou-se internacionalmente, fazendo parte de um movimento maior – o dos países não alinhados, organizado na Conferência de Bandung, que procuravam uma “via alternativa” entre os sistemas capitalistas e comunistas. O objetivo era a procura de uma identidade árabe, perseguindo um objetivo maior que seria o Estado Árabe único, o qual integraria povos detentores da mesma tradição, cultura e língua.

---

<sup>50</sup> COGGIOLA, Osvaldo. **Islão Histórico e Islamismo Político**. São Paulo: Instituto da Cultura Árabe, 2007.

<sup>51</sup> LARA, António de Sousa. **Imperialismo, Descolonização, Subversão e Dependência**. Lisboa: ISCSP-UTL, 2002.

<sup>52</sup> PINTO, Maria do Céu. **“Infiéis na Terra do Islão”**: Os Estados Unidos, o Médio Oriente e o Islão. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

<sup>53</sup> Gamal ‘Abd al-Nasser foi um militar e político egípcio, presidente de seu país de 1954 até sua morte em 1970.

- O sentimento de humilhação pela subordinação militar, econômica e social do mundo árabe em relação às grandes potências. Os muçulmanos consideram-se vítimas das circunstâncias históricas e de forças conspirativas justificadas pelo ódio confessional. Este processo de “vitimização” se iniciou com as Cruzadas, passou pela Reconquista, pelo Sistema de Mandatos, depois, pelo Sistema de Colônias e acabou por se agravar nos nossos dias.
- Uma repulsa simultânea pelo colonialismo, neocolonialismo e pelo socialismo marxista.
- Uma crise econômica e social provocada pelo êxodo rural e pela urbanização explosiva. De fato, a fuga dos meios rurais e a urbanização desenfreada trouxeram a realidade da pobreza urbana e conduziram à ruptura das infraestruturas e dos serviços urbanos. Os habitantes das zonas rurais que chegam às cidades mantêm as suas tradições culturais e religiosas, mas sofrem de um certo sentimento de alienação quanto à sociedade que os rodeia. Assim, o Islã parece ser a única referência válida num ambiente que se afigurou hostil. Deste modo, apresentam-se como uma importante fonte de apoio os movimentos fundamentalistas.

Em suma, pode se afirmar que o fundamentalismo islâmico surgiu como reação à ameaça das culturas exteriores de mudança e foi ganhando terreno devido a uma crise de representação política no mundo muçulmano contemporâneo.<sup>54</sup>

## **2. Irmandade Muçulmana**

Considerada a precursora das organizações fundamentalistas islâmicas, a Irmandade Muçulmana (*al-Ikhwan al-Muslimun*) nasceu no Egito, em 1928, por Hassan al-Banna, e é considerada uma das organizações mais populares e agressivas de fundamentalismo islâmico. A sua influência ultrapassou as fronteiras do Egito e tornou-se num importante instrumento de expressão do pensamento político sunita no Oriente Médio e no norte da África. Ela tornou-se o canal para a expressão da raiva, frustração e desilusão relativamente à secularização e à

---

<sup>54</sup> SILVA, Teresa de Almeida. **Op. Cit.** p. 66.

ocidentalização de muitos milhões de muçulmanos. Os seus seguidores consideram que a resposta a todos os desafios do mundo moderno está na aplicação dos ensinamentos do texto sagrado, Corão. A repressão de que foi alvo por parte do então presidente Nasser conduziu a Irmandade a radicalizar sua ação.

O Egito no qual nasceu Hassan al-Banna, em 1906, era colônia britânica. A cultura e sociedade egípcia eram vista num plano inferior. Estrangeiros podiam ocupar e manipular o governo, mais ainda, podiam ditar o estilo de vida do país e seus costumes. Uma situação delicada que, cedo ou tarde, desencadearia numa espécie de resistência. Paralelamente, Hassan al-Banna era educado em instituições islâmicas. Aos 16 anos o jovem frequentou o Dar al-Ulum uma escola para formação de professores do Islã, no Cairo. A partir daí se tornou um especialista em teologia islâmica, direito islâmico e literatura árabe. Al-Banna cresceu numa altura em que a comunidade internacional atravessava uma época bastante turbulenta. Em 1922, no seguimento da I Guerra Mundial – durante a qual a Gra-Bretanha declarou que o Egito seria seu protetorado – os egípcios se revoltaram e conseguiram uma espécie de semi-independência. Mas logo em seguida, em 1924, a Turquia, liderada por Mustafa Kemal, aboliu o Califado, fazendo o mundo muçulmano mergulhar numa crise profunda, cujas consequências perduram até os nossos dias.

Em 1928, com 21 anos de idade, Hassan al-Banna funda a Irmandade Muçulmana com mais seis pessoas – muito embora tenha crescido rapidamente – e procurou demonstrar que a pobreza e a falta de poder da sociedade egípcia deviam-se ao fato do país ter fracassado na escolha de um futuro ideal: em vez de seguir o Islã mais puro, declarou valores da cultura ocidental<sup>55</sup>. Com esse discurso, al-Banna pretendeu convencer a sociedade egípcia que era possível instaurar uma ordem muçulmana. Defendia, portanto, uma reintrodução da Shariah<sup>56</sup>, afirmando ainda que o Corão seria a constituição do povo.

Com o apoio financeiro dos “formadores de opinião”<sup>57</sup>, a Irmandade Muçulmana

---

<sup>55</sup> COSTA, Helder dos Santos. **O revivalismo Islâmico**. Lisboa: ISCSP-UTL, 2001, p. 34.

<sup>56</sup> A lei islâmica (Shariah), baseada no Corão e na Sunna, é o exemplo sagrado para a vida islâmica. O que os muçulmanos agora conhecem como Shariah é na verdade o esforço cumulativo para compreender a vontade divina através de hábitos e métodos na vida social. (SARDAR, Ziauddin. **Op. Cit.**, p. 103.)

<sup>57</sup> Os ulama, sheikhs das ordens sufis, líderes dos clãs, líderes de clubes sociais e religiosos, professores e funcionários do governo. DAVIDSON, Lawrence. **Islamic Fundamentalism: an introduction**. Westport: Greenwood Press, 2003, p. 29.

iniciou sua ação atuando como um partido político, objetivando a derrubada do poder do Rei Farouk. Apesar da perseguição de que foram vítimas, os “irmãos” convenceram al-Banna a considerar, como último recurso, a luta revolucionária violenta, com o propósito de transformar o Egito num Estado verdadeiramente islâmico. Em pouco mais de 20 anos a Irmandade se tornou um importante e bem organizado movimento político armado, cujas ações se fizeram sentir no Egito e fora dele. Aquando da II Guerra Mundial, a Irmandade Muçulmana era uma das organizações mais ativas no Egito. Sua composição era bastante heterogênea e transversal, ou seja, incluía pessoas de diferentes classes sociais e de diversas classes trabalhadoras. Contudo, devido ao poder que conseguiu alcançar na sociedade egípcia, a organização acabou por ver suas ações limitadas ao ser conferida à clandestinidade, primeiro pelo rei Farouk, depois por Nasser. Hassan al-Banna foi assassinado por forças governamentais em 1948, uma retaliação à morte do primeiro-ministro Muhamad Nuqrashi, assassinado pela Irmandade.

A Irmandade Muçulmana deixou precedentes para os futuros fundamentalistas islâmicos. Contudo, há uma diferença que marca a história da organização para alguns de seus sucessores. A Irmandade Muçulmana nunca procurou explicitamente ascender ao poder. Al-Banna previu que isso poderia acontecer, mas antes ele queria que a população egípcia fosse preparada antecipadamente. Desse modo ele se empenhou por moldar a futura ordem islâmica em função do comportamento da sociedade.<sup>58</sup>

Apesar de reprimida enquanto força política no Egito, a Irmandade Muçulmana acabou se espalhando por vários outros países na região do Oriente Médio onde se encontra até hoje em atividade. A Irmandade é expressivamente representada na cena política, os seus membros ocupam cargos do governo em países como: Egito, Jordânia, Iêmen, Kuwait, Marrocos, Sudão, Argélia, Iraque e Bahrein<sup>59</sup>. O principal objetivo do movimento, também nos outros países, continua a ser o originário: o estabelecimento de verdadeiros estados islâmicos para que, no futuro, todos sejam conglomerados em um único.

---

<sup>58</sup> **Ibidem.**

<sup>59</sup> HROUB, Khaled. **Hamas, a beginner's guide**. London: Pluto Press, 2006, p. 76.

### 3. Perseguição religiosa

Quando o fundamentalismo adentra a esfera religiosa – ou mesmo político-social – o grupo receptor passa a considerar a sua verdade como a única verdade. Nos casos mais extremos, aquele que pensa diferente acaba por ser perseguido, intimado à mudança. Para entendermos o termo ‘perseguição’, voltamos um pouco na sua definição abordada por Xavier Pikasa, na introdução do seu livro sobre Perseguição Religiosa<sup>60</sup>. O autor considera perseguição, em seu sentido amplo, toda ação violenta de alguns homens sobre outros, ação por meio da qual um grupo tenta impor aos outros os seus ideais, seu poder ou forma de existência, com o fim de destruir a sua identidade e assimilá-la. Em sentido mais estrito, Xavier destaca que perseguição é o comportamento daqueles que de tal forma querem impor-se aos outros que terminam convertendo-os em seus escravos ou simplesmente os destroem.

A perseguição é um fenômeno muito frequente em nossa história. Os homens desenvolveram ideais de fraternidade e compreensão, mas na prática se deixaram levar pela imposição do mais forte, vindo a cair na dialética do senhor e do escravo. Chegou-se a tal extremo que muitos supuseram que a humanidade se encontra necessariamente dividida em classes, com o conseqüente triunfo de alguns e a submissão dos restantes. Seguindo um esquema, valioso por sua simplicidade, pode-se assegurar que a luta e perseguição intra-humanas se realizam fundamentalmente em três níveis: a) no plano econômico, com a acumulação dos bens em mãos de poucos e a servidão ou escravidão de muitos; b) no plano político, com a apropriação do poder por uma classe ou grupo social e a conseqüente submissão dos restantes; c) finalmente, na perseguição ideológica pela qual se absolutiza um tipo de verdade, normalmente colocada a serviço do poder dominante, e perseguem-se ou cortam-se todos os demais caminhos de expressão e de busca do homem. A perseguição religiosa move-se primordialmente nesse terceiro plano, embora possa ter e tenha repercussão nos dois anteriores.

A perseguição religiosa é facilmente perceptível na Bíblia. No Antigo Testamento, a experiência religiosa se estrutura dentro de um âmbito de totalidade que inclui os diversos aspectos da vida humana: unidade social, independência nacional, posse da terra, desenvolvimento da cultura. A perseguição aqui vai estar conseqüentemente

---

<sup>60</sup> PIKASA, Xavier. **A perseguição religiosa na Sagrada Escritura**. São Paulo: Paulinas, 1984, p. 7.

inserida na luta social entre os povos. Israel vai ser confrontado por aqueles que pretendem impor suas particularidades, e vai responder ativamente a esses ataques. Num primeiro momento, tal perseguição terá um caráter externo, fundada em motivos sociais e políticos. Mais tarde, através de um processo de maturação e crise interna, o povo chegará a uma compreensão mais estritamente religiosa. No Novo Testamento a perseguição se desenvolve desde o princípio no campo da religiosidade. Claramente ela assumirá dimensões e motivos outros, mas está intrinsecamente baseada na rejeição do judaísmo oficial em vista da possível acolhida do Evangelho de Jesus Cristo. É necessário assinalar o fato de que o cristianismo neotestamentário sofre perseguição, mas não persegue. Somente mais tarde, quando a Igreja se estabilizar como entidade social e se converter em garantia de ordem pública, poderá surgir aquilo que não se deu no princípio: os cristãos, por sua vez, perseguirão os judeus ou imporão sua evidência aos grupos hereges que forem nascendo dentro da Igreja. Depois, a perseguição será mesmo contra os muçulmanos<sup>61</sup>.

Na contemporaneidade, a sociedade internacional se vê ameaçada pela perseguição perpetrada, sobretudo, pelos grupos fundamentalistas islâmicos. Muito provavelmente por conta do método cruel e meticuloso que tais grupos trabalham em seus feitos devastadores, com ampla cobertura da mídia. Mas eles não estão sós. Na atualização de 2015 do seu relatório bienal sobre a Liberdade Religiosa no mundo<sup>62</sup>, a Fundação Pontifícia Ajuda à Igreja que Sofre (Aid to the Church in Need) destaca que o extremismo transcende uma única orientação religiosa. A Fundação observou que, na Índia, no período de outubro de 2013 a junho de 2015, movimentos radicais hindus realizaram cada vez mais ataques. A violência propagou-se especialmente onde a presença cristã é mais frágil, incluindo as zonas onde a Igreja é importante ao povo local. Também o Budismo, embora habitualmente visto como uma religião de paz, traz um ramo mais militante que se aliou aos nacionalistas, que a consideram como a religião nacional legítima na Birmânia (Mianmar) e no Sri Lanka. Extremistas budistas no Sri Lanka destruíram ou forçaram o encerramento de inúmeras igrejas – em 2014 foram cerca de sessenta

---

<sup>61</sup> Cruzadas: No final do século XI o islamismo começou a enfrentar um novo inimigo: soldados cristãos determinados a expulsar os muçulmanos da Palestina e também de outras áreas do Oriente Médio e Europa, sob a orientação de pôr fim a qualquer obstáculo que dificultasse as peregrinações à Terra Santa. FARAH, Paulo Daniel. **Op. Cit.**, p. 42.

<sup>62</sup> Fundação Pontifícia Ajuda à Igreja que Sofre. **Perseguidos e Esquecidos?** Um Relatório sobre os Cristãos Oprimidos por causa da sua Fé 2013-2015: Sumário Executivo. Outubro de 2015. <[http://acn.org.br/images/stories/miscelanea/PerseguidosEsquecidos\\_Breve.pdf](http://acn.org.br/images/stories/miscelanea/PerseguidosEsquecidos_Breve.pdf), acessado em 1 de maio de 2017>

igrejas e capelas atacadas, o que ainda assim representou uma redução em relação às 105 do ano anterior. Os ataques de 2014 incluíram um caso em que onze monges budistas lideraram aproximadamente 250 pessoas contra a Igreja da Sagrada Família em Asgiriya, no distrito de Kandy, arrastando o pastor e a sua mulher para fora de casa e atacando-os. Tanto no Sri Lanka como na Birmânia, muçulmanos e cristãos foram acusados de desviar a norma nacional sócio-religiosa. Em Israel, o único país do Oriente Médio com uma população cristã em expansão, os ataques a locais da Igreja aumentaram. Quando militantes extremistas judeus foram acusados de incendiarem a Igreja da Multiplicação dos Pães na Galileia em Junho de 2015, os líderes religiosos disseram que o ato fazia parte de um plano de ataques tanto na Galileia como noutros locais.

De acordo com o mesmo relatório da Fundação Pontifícia Ajuda à Igreja que Sofre, a perseguição religiosa não acontece exclusivamente contra os cristãos ou outra confissão religiosa, mas concluiu-se que os cristãos são de longe o grupo religioso mais perseguido. No Verão de 2012, a *International Society for Human Rights*, sediada em Frankfurt, na Alemanha, calculou que 80% de todos os atos de discriminação religiosa foram realizados contra os cristãos. Em termos de perseguições, a Comissão das Conferências Episcopais da Comunidade Europeia (COMECE) relatou que 75% das ocorrências foram contra os cristãos. Embora as estatísticas de que até 150 mil cristãos – mais de 400 por dia – são mortos por causa da sua fé todos os anos estivessem rodeados de controvérsia, havia um consenso crescente de que a opressão contra os cristãos se tinha tornado cada vez mais grave. Em abril de 2014, o então primeiro-ministro britânico, David Cameron, afirmou que o Cristianismo “é agora a religião mais perseguida em todo o mundo”, fazendo eco das declarações da chanceler alemã Angela Merkel em Novembro de 2012<sup>63</sup>.

Como já explicitado, são muitos os grupos fundamentalistas radicais ligados a diferentes religiões que impõem atos de perseguição. Mas são os de matriz islâmica que atualmente difundem maior violência, discriminação e mesmo o terror no mundo, principalmente no Oriente Médio e Norte da África. No relatório de 2016 da Liberdade Religiosa no Mundo<sup>64</sup>, a Ajuda à Igreja que Sofre traz no resumo das

---

<sup>63</sup> **Ibidem.**

<sup>64</sup> Fundação Pontifícia Ajuda à Igreja que Sofre. **Liberdade Religiosa no Mundo**. Relatório 2016: Sumário Executivo. <<http://acn.org.br/images/stories/RLRM2016/pDFs/SumarioExecutivo.pdf>,

conclusões algumas sérias constatações. Entre elas a de que a liberdade religiosa diminuiu em onze dos vinte e três países no mundo com as piores violações. Nos outros sete países desta categoria, os problemas já eram tão grandes que dificilmente poderiam ficar piores. O relatório demonstra que é errada a visão popular de que os governos são os principais culpados da perseguição religiosa. Os atores não estatais (ou seja, organizações fundamentalistas ou militantes) são responsáveis pela perseguição religiosa em doze dos vinte e três países com as piores violações. O período em análise desse relatório viu também surgir um novo fenômeno de violência com motivação religiosa, que pode ser descrita como hiperextremismo islâmico, um processo de radicalização intensificada, sem precedentes na sua expressão violenta. Em contrapartida o relatório identifica grupos islâmicos tradicionais que estão agora começando a lutar contra o fenômeno do hiperextremismo por meio de posições públicas e outras iniciativas, através das quais condenam a violência e os que estão por trás dela.

#### 4. Terrorismo

Longe de ser uma regra, mas experimentado na história, o fundamentalismo leva à perseguição que, por sua vez, traz consigo o terrorismo como forma de apropriação do poder e da verdade. O primeiro problema ao falar de terrorismo é a definição da própria palavra. Se para alguns não é a intenção, mas sim, o ato que caracteriza o terrorismo, para outros é a intenção e não apenas o ato que o caracteriza. Para Bruce Hoffman<sup>65</sup> a maioria das definições é insatisfatória e, por isso, apresenta a que acredita ser a mais plausível e a mais contextualizada com o terrorismo político.

“O terrorismo, na acepção mais ampla do termo, é fundamental e inerentemente político. É também inevitavelmente sobre o poder: a busca do poder, a aquisição de poder e o uso do poder para alcançar a mudança política. O terrorismo é, portanto, a violência – ou, igualmente importante, a ameaça da violência – que é utilizada e

---

acessado em 1 de maio de 2017>

<sup>65</sup> HOFFMAN, B.; CLARIDGE, D. **The Rand-St. Andrews. Chronology of International Terrorism and Noteworthy – Domestic incidents**. Terrorism and Political Violence. New York: Columbia Universit Press, 1988.

dirigida na perseguição de um objetivo político.”<sup>66</sup>

A finalidade do terrorismo segundo Schmid<sup>67</sup> é imobilizar o seu alvo para produzir certa desorientação ou algum tipo de conformidade a fim de intimidação dessa população submetida ao ato de terror. Essa intimidação de grupos ou populações mediante o terror é algo comum, ético e legal quando se dá pelo Estado, mas é execrável quando parte de pessoas ou organizações que viram esgotar todas as possibilidades de negociação, de libertação ou de sobrevivência. Assim, o Estado pode ser o agente de grande terror ou o agente financiador do terrorismo, mas é contra quando o terror não tem como ponto de partida o próprio Estado. Em síntese, o terror que não tem origem no Estado fragiliza e até atua como força subversiva contra o governo desse Estado.<sup>68</sup> Uma realidade contrastante e que leva a uma grande reflexão sobre o assunto.

Inserido no leque de possibilidade, há também grupos que utilizam – e utilizaram na história – de atos terroristas para firmarem convicções religiosas. Hoje em dia, de forma errada, fundamentalismo e terrorismo são confundidos. Sobretudo desde os atentados de 11 de setembro de 2001, que o fundamentalismo islâmico é associado ao terrorismo de matriz islâmica. Todavia são fenômenos diferentes, embora na sociedade atual sejam rapidamente associados, já que o 11 de setembro criou mais suspeitas relativamente à comunidade muçulmana do que qualquer outro acontecimento histórico o havia feito. Efetivamente existem grupos muçulmanos que seguem para além do perigo do fundamentalismo, adentrando no âmbito do terror para atingirem seus objetivos. Dentre tantos, alguns precisam de menção pela porção de sangue que derramaram em vista de suas próprias empreitadas: **Al-Qaeda** nasce no Afeganistão, autor dos atentados nos EUA, no onze de setembro de 2001; O **Talibã** tem maior influência no Paquistão e Afeganistão, mas suas ações violentas vão além-fronteiras; **Estado Islâmico** (ISIS ou DAESH) atua principalmente no Iraque e Síria e tem protagonizado as maiores barbáries contra minorias religiosas; **Boko Haran** é um grupo nigeriano que declarou lealdade ao Estado Islâmico e considerado, por muitos, mais violento e assassínio.

Esses grupos, verdadeiras organizações terroristas, passaram a ter

---

<sup>66</sup> **ibidem.** p.14: tradução nossa.

<sup>67</sup> SCHIMID, A.; JONGMAN, A. **Political Terrorism: A new guide to actors, authors, concepts, data bases, theories and literature.** New Brunswick: Transaction, 1988, p. 52.

<sup>68</sup> BONOME, José Roberto. **Fundamentalismo religioso e terrorismo político.** Goiânia: Editora da UCG, 2009, p. 39.

capacidade para executar ataques em vários países e a receber apoio direto e indireto de vários Estados. As suas estruturas de comando e controle e os seus campos de treinamento passaram a funcionar em vários países. Por outro lado, graças ao desenvolvimento moderno das comunicações, o terrorismo se internacionalizou, reproduzindo seus efeitos maléficis midiaticamente e criando uma relação de ‘custo-benefício’, relativo às execuções<sup>69</sup>, para os novos adeptos. Esse fenômeno islâmico tem estado cotidianamente nos noticiários do mundo por conta da sua conexão com a violência e, por vezes, pelos atos de extrema barbárie. A ampla cobertura jornalística – com boa dose de sensacionalismo – sobre estes casos, contribuiu à uma conclusão equivocada de que islamismo e violência são inerentes um ao outro. Existe sim violência, mas sua apresentação pode se apresentar de forma distorcida. Quando líderes muçulmanos, representando as opiniões de suas comunidades, assinam uma declaração em prol da coexistência pacífica e estimulam um melhor conhecimento mútuo com outras expressões religiosas para, juntos, trilharem um mesmo caminho de convivência, tal notícia não passa de uma pequena nota de rodapé ou é simplesmente ignorada. Porém, quando o clima do ‘11 de setembro’ é resgatado pelo imã de uma mesquita extremista em Londres, numa declaração incendiária, ela é amplificada como se representasse a opinião de todos os muçulmanos. É sabido que boas notícias não vendem jornais.

As fontes corânicas são ambíguas, contendo tanto exortações à paz quanto à guerra – a mesma ambiguidade marca, contudo, a Bíblia. Não seria difícil produzir uma antologia de dizeres bíblicos condenando à morte uma variedade de transgressores dos preceitos divinos, rituais, éticos e sociais, havendo inclusive incitação ao genocídio:

“Assim diz Iahweh dos Exércitos: Resolvi punir Amalec pelo que fez a Israel cortando-lhe o caminho quando subia do Egito. Vai, pois, agora, e investe contra Amalec, condena-o ao anátema com tudo o que lhe pertence, não tenhas piedade dele, mata homens e mulheres, crianças e recém-nascidos, bois e ovelhas, camelos e jumentos”

---

<sup>69</sup> FERREIRA, Paulo Antunes. **O novo terrorismo**. Lisboa: Prefácio, 2006, p. 27.

(1Sam 15,2-3)<sup>70</sup>

Já no Novo Testamento a dinâmica da violência parece inverter a relação remetente-destinatário: Jesus foi vítima da violência, seus apóstolos foram vítimas da violência e o cristianismo sobreviveu por três séculos como uma “seita” subterrânea. Mesmo que a vida e mensagem de Jesus tenha sido pacífica, a história do cristianismo foi indubitavelmente mais violenta do que a do islã. A *Jihad*<sup>71</sup> corresponde à cruzada; mas não há paralelo muçulmano das crueldades que acompanharam – geralmente com a bênção da Igreja Católica – a conquista e exploração das Américas.

O hinduísmo, geralmente associado ao pacifismo graças a Gandhi, possui em seus textos sagrados o *Bhagavad Gita*, uma discussão aprofundada do dever de casta do guerreiro de matar. Na China, filósofos da escola “legista” discorrem sobre as virtudes da crueldade como forma de impor a obediência ao imperador, dois mil anos antes de Maquiavel. O budismo, no Japão, integrou o culto samurai à violência. Se voltarmos a atenção para o Ocidente contemporâneo, a simples menção dos termos “nazismo” e “stalinismo” bastará para nos certificarmos de que a violência no mundo muçulmano de hoje, provocada por radicais e fundamentalistas, por mais lamentável que seja, está longe de ser excepcional.

Levando em consideração o pressuposto apresentado, cujo aspecto da violência não se fez acontecer excepcionalmente no mundo islâmico, reforça a constatação de que o desvio da mensagem religiosa para uma ideologia de caráter extremista pode transformar vida em morte. O islã fundamentalista, fechado em si mesmo, acaba por ser vítima de suas próprias conspirações, ampliando seu desejo de vingança à um mundo que insiste em virar a página, enquanto que para esses muçulmanos o passado não pode ser deixado para trás sem um tribunal. Por conseguinte, todo o resto do mundo é questionado a dar uma resposta que atenda aos anseios de paz. Se o fundamentalismo islâmico se explica pela coincidência de determinados fatores quase inevitáveis, seu desdobramento e o desfecho eventual de sua luta contra o Ocidente estão ainda em aberto. Outros elementos intervêm em tal luta: forças e projetos alternativos operando dentro do mundo muçulmano, e

---

<sup>70</sup> **Bíblia de Jerusalém. Op. Cit.**

<sup>71</sup> Luta armada contra os infiéis e inimigos do Islã. (SILVA, Teresa de Almeida. **Op. Cit.**, p. 47.)

reações e pró-ações no mundo ocidental. As escolhas a serem feitas nestes tempos de encontro com o islamismo influenciarão o curso da humanidade nas décadas futuras<sup>72</sup>. A Igreja Católica, um dos maiores símbolos ocidentais na visão islâmica, dá o primeiro passo, reafirmando sua posição de unidade na diversidade e, com o Papa Francisco, se abre ao diálogo como primeiro e indispensável caminho para a tão sonhada paz:

“Paz, um fio de esperança que liga a terra ao céu, uma palavra tão simples e ao mesmo tempo tão difícil. Paz quer dizer perdão que, fruto da conversão e da oração, nasce de dentro e, em nome de Deus, torna possível curar as feridas do passado. Paz significa acolhimento, disponibilidade para o diálogo, superação dos fechamentos, que não são estratégias de segurança, mas pontes sobre o vazio. Paz quer dizer colaboração, intercâmbio vivo e concreto com o outro, que constitui um dom e não um problema, um irmão com quem tentar construir um mundo melhor. Paz significa educação: uma chamada a aprender todos os dias a arte difícil da comunhão, a adquirir a cultura do encontro, purificando a consciência de qualquer tentação de violência e rigidez, contrárias ao nome de Deus e à dignidade do ser humano.”<sup>73</sup>

---

<sup>72</sup> DEMANT, Peter. **Op. Cit.** p. 352.

<sup>73</sup> Papa Francisco. Visita do Papa Francisco a Assis para a jornada de oração pela paz "*sede de paz. religiões e culturas em diálogo*". 20 de setembro de 2016.

## Capítulo III

### Coexistência e diálogo entre católicos e muçulmanos

O diálogo é sempre o caminho da paz verdadeira. Sempre que a luta odiosa e as guerras entraram em cena como instrumento para apaziguar conflitos, vimos que, teoricamente, apenas um lado se beneficiou, enquanto o outro não. Em tempos de encontro entre a pluralidade de culturas, é imprescindível constatar que o diferente não é inferior, mas apenas diferente. É preciso revigorar a consciência de que somos uma única família humana<sup>74</sup>.

#### 1. Primeiros passos

A convivência pacífica entre os diferentes pressupõe que ambos os lados, em determinado momento, precisarão ceder. Este ato de ceder não significa ferir a integridade ou àquilo que dá razão e sentido, mas requer uma releitura na postura e nos costumes diante da pluralidade que se abre no mundo moderno. Isso também é considerado diálogo da tolerância. Com base na etimologia grega da palavra 'diálogo' apresenta-se dois termos: '*dia*' e '*logos*'. A expressão *logos* tem muitos significados, mas indica particularmente a capacidade humana de pensamento e raciocínio. O termo *dia*, por sua vez, expressa uma dupla ideia: alude ao que se separa e divide, mas igualmente à ultrapassagem de um limite. Faz parte da natureza do diálogo a busca de uma unidade, mas que preserve a diferença e liberdade. É no processo do diálogo que as pessoas vivem e celebram o reconhecimento de sua individualidade e liberdade.<sup>75</sup> O diálogo inter-religioso instaura uma comunicação e um relacionamento entre fiéis de tradições religiosas diferentes, envolvendo partilha de vida, experiência e conhecimento. Essa comunicação propicia um clima de abertura, empatia, simpatia e acolhimento, removendo preconceitos e suscitando compreensão, enriquecimento e comprometimento mútuo e partilha da experiência com o sagrado.

Uma das máximas do diálogo com o diferente é justamente o enaltecimento daquilo que compartilham em comum. Maria, mãe de Jesus, é um dos pontos que

---

<sup>74</sup> Papa Francisco. **Carta Encíclica *Laudato Si'***. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco\\_20150524\\_enciclica-laudato-si.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html)> Acesso em: 26 jun. 2017

<sup>75</sup> TEIXEIRA, Faustino. **Ecumenismo e diálogo inter-religioso: a arte do possível**. Aparecida: Editora Santuário, 2008 p. 88.

ligam cristianismo com o islamismo. Um exemplo de coexistência pacífica e de aproximação foi muito comentado quando, em junho de 2017, o Sheik Maomé Bin Zayed Al Nahyan, príncipe herdeiro de Abu Dhabi e Deputado Supremo das Forças Armadas dos Emirados Árabes Unidos, ordenou que o nome da mesquita Sheik Maomé Bin Zayed, em Al Mushrif, Abu Dhabi, fosse mudado para “*Mariam, Umm Eisa*” – que quer dizer: Maria, Mãe de Jesus.<sup>76</sup>

Peter Demant afirma que o mundo seria mais pobre sem a participação de 1,3 bilhão de muçulmanos<sup>77</sup>. Esse autor também sinaliza que as próximas décadas serão cruciais para que o Islã recrie sua identidade no espaço e no tempo. E as possibilidades são muitas, mas que acabam se resumindo em três tipos: 1) o fundamentalismo que uniformizaria a prática religiosa, politizando-a; 2) a secularização que transformaria o islã numa religião privada, com pouco impacto na vida social e política dos fiéis. Opção preferida do Ocidente que conta com a globalização a seu favor; 3) ou uma reforma islâmica, que produziria um novo islã pluralista e liberal, mas não menos religioso. Esta opção implicaria uma ruptura tão radical quanto a Reforma foi para a Igreja Católica. É provável que estas três opções se desenvolvam simultaneamente, em lugares diferentes e graus variados. E é impossível profetizar qual será por fim a linha predominante. O Ocidente, sobretudo a Igreja Católica, em vista das consequências catastróficas que o extremismo islâmico tem causado no atual momento histórico, tem todo interesse em ajudar o islã em suas articulações consigo mesmo e com o mundo. A Igreja Católica tem hoje como dever o diálogo com o mundo em que vive. Ela faz-se palavra, faz-se mensagem, faz-se colóquio<sup>78</sup>.

“A Igreja olha também com estima para os muçulmanos. Adoram eles o Deus Único, vivo e subsistente, misericordioso e onipotente, criador do céu e da terra, que falou aos homens e a cujos decretos, mesmo ocultos, procuram submeter-se de todo o coração, como a Deus se

<sup>76</sup> MILANI, Pe. Olmes. **Maria, Mãe de Jesus é o novo nome de mesquita em Abu Dhabi.** Disponível em: <[http://br.radiovaticana.va/news/2017/06/15/maria,\\_m%C3%A3e\\_de\\_jesus\\_%C3%A9\\_o\\_novo\\_nome\\_de\\_mesquita\\_em\\_abu\\_dhabi/1319151](http://br.radiovaticana.va/news/2017/06/15/maria,_m%C3%A3e_de_jesus_%C3%A9_o_novo_nome_de_mesquita_em_abu_dhabi/1319151)>. Acesso em: 17 jun. 2017

<sup>77</sup> DEMANT, Peter. **Op. Cit.** p. 366.

<sup>78</sup> Papa Paulo VI. **Carta Encíclica *Ecclesiam Suam***, 1964. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf\\_p-vi\\_enc\\_06081964\\_ecclesiam.html](http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_06081964_ecclesiam.html)>. Acesso em: 26 jun. 2017

submeteu Abraão, que a fé islâmica de bom grado evoca. Embora sem o reconhecerem como Deus, veneram Jesus como profeta, e honram Maria, sua mãe virginal, à qual por vezes invocam devotamente. Esperam pelo dia do juízo, no qual Deus remunerará todos os homens, uma vez ressuscitados. Têm, por isso, em apreço a vida moral e prestam culto a Deus, sobretudo com a oração, a esmola e o jejum. E se é verdade que, no decurso dos séculos, surgiram entre cristãos e muçulmanos não poucas discórdias e ódios, este sagrado Concílio exorta todos a que, esquecendo o passado, sinceramente se exercitem na compreensão mútua e juntos defendam e promovam a justiça social, os bens morais e a paz e liberdade para todos os homens.”<sup>79</sup>

Mas nem sempre foi assim...

## 2. O processo de abertura da Igreja Católica para a realidade plural

Até o início do século XVI, a Igreja Católica desfrutava, na sociedade europeia, da condição de religião hegemônica. Essa condição foi acompanhada da constituição e defesa de uma perspectiva teológica que favorecia a sua hegemonia. A afirmação clássica *extra Ecclesiam nulla salus* (fora da Igreja não há salvação) orientou, de forma geral, os posicionamentos de teólogos e do Magistério Pontifício. Originalmente, essa frase foi atribuída a São Cipriano (†258) e, na forma como conhecemos hoje, foi escrita por Fulgêncio (458-533), bispo de Ruspe, na atual Tunísia. No Magistério Pontifício e conciliar, esse princípio foi utilizado diversas vezes: pelo Papa Inocêncio II, num documento enviado ao arcebispo de Terragona (1208); pelo IV Concílio lateranense, em 1215, para combater os movimentos espiritualistas e antieclesiásticos; pelo Papa Bonifácio VIII, em 1302, na bula *Unam Sanctam*, onde se afirmou que a salvação está somente na Igreja, como também na submissão do pontífice romano; e, por último, no Concílio de Florença, em 1442, com a finalidade de reunião das Igrejas orientais com a Igreja de Roma, estendendo aos judeus e pagãos.<sup>80</sup>

<sup>79</sup> Papa Paulo VI. **Declaração Nostra Aetate**, 1965. Disponível em: <[http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_decl\\_19651028\\_nostra-aetate\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decl_19651028_nostra-aetate_po.html)>. Acesso em: 26 jun. 2017

<sup>80</sup> SANCHES, Wagner Lopes. **Vaticano II e o diálogo inter-religioso**. São Paulo: Paulus, 2015, p. 35.

Na tradição católica essa frase foi muito recorrente e utilizada para fundamentar o combate às religiões fora das fronteiras do cristianismo. Entretanto, no cotidiano, os católicos conviviam – e convivem –, muitas vezes sem dificuldades, com as experiências religiosas consideradas pagãs. A convivência não era um problema – como hoje não é – e frequentemente era visto como uma questão de sobrevivência. Dessa maneira o cristianismo passou por um processo inevitável de sincretismo que levou a incorporação de elementos de outras religiões<sup>81</sup>. Com o fim da hegemonia no século XVI com os movimentos de reforma, a Igreja é desafiada a reconhecer que o trato com o sagrado mudou e que isso seria o início de uma irreversibilidade.

O mundo moderno trouxe consigo a afirmação de que a abertura ao pluralismo é a melhor forma para a convivência das diferenças. O pluralismo é compreendido como um princípio e uma concepção de mundo que reconhece a diversidade como legítima e necessária. Desse ponto de vista, a diversidade não é tida como problema, mas assumida como um valor necessário para a convivência das pessoas, grupos e instituições. A Igreja Católica resistiu o quanto pode a esse aspecto de visão do mundo moderno. A encíclica *Quanta Cura*, do Papa Pio IX, promulgada em 1864, mesmo sem utilizar os termos *pluralismo* e *diversidade*, é um repúdio a esse princípio e concepção entendidos por Roma, na época, como uma ameaça à sociedade tradicional e à religião católica. O *Syllabus*, anexo à encíclica, que reunia trechos de alocuções e encíclicas anteriores de Pio IX, continha aquilo que esse Papa considerava como os principais erros da modernidade. *Quanta Cura* se tornou símbolo da Igreja contra a modernidade, mostrando não somente a preocupação com a salvação das almas, mas a inconformidade de perder a hegemonia intelectual e religiosa. O processo de superação deste fechamento da Igreja para o mundo foi acontecendo gradativamente, culminando no Concílio Ecumênico Vaticano II (1962 - 1965). Foi nesse Concílio que oficialmente a Igreja se atreveu em assumir um diálogo com a modernidade, enfrentando assim o desafio de compreender o fenômeno da diversidade em seus diversos rostos e assumindo a perspectiva do pluralismo como uma forma de lidar com a nova realidade<sup>82</sup> e com salvação extramuros. E fez isso de uma forma dialogante, compreensiva, propondo-se a aprender das

---

<sup>81</sup> BOFF, Leonardo. **Igreja. Carisma e Poder**. Ensaios de uma eclesiologia militante. Petrópolis: Vozes, 1981, p. 151.

<sup>82</sup> SANCHES, Wagner Lopes. **Op. Cit.**, p. 14.

diferentes religiões: “Haja unidade no necessário, liberdade no que é duvidoso, e em tudo caridade.”<sup>83</sup>

Mesmo que se em algum momento havia se perdido tal característica, o cristianismo se constitui como uma religião do encontro, da convivência, da interação, da cooperação. Na vida religiosa de Jesus não se encontra a prática da exclusão de quem crê diferente, mas, ao contrário, admiração e acolhida<sup>84</sup>. Ao anunciar o seu Evangelho, Jesus apresentou a prática das bem-aventuranças como a principal forma de realizar a vontade de Deus<sup>85</sup>, tendo em seu centro a regra de ouro do amor<sup>86</sup> e a prática da solidariedade<sup>87</sup>. Os critérios da verdadeira religião estão fundamentados no amor, na justiça, na paz, na solidariedade. São critérios para a realização do verdadeiro culto a Deus. O Concílio Vaticano II fez-se redescobrir estas e outras verdades e, a partir delas, traçar uma nova presença da Igreja nos dramas atuais e um relacionamento, até então inexistente, com as diferentes expressões de fé, transcendendo o ecumenismo para adentrar numa esfera desconhecida: o diálogo inter-religioso.

### 3. O diálogo inter-religioso

O diálogo inter-religioso é um fenômeno relativamente recente. Trata-se de uma realidade que ganha vigor nos tempos modernos, que proporciona múltiplos sistemas de conhecimento e comunicação. Nas há sinais explícitos sobre a questão em documentos anteriores a 1945. Isso não significa a ausência de traços germinais antecedentes, presentes em importantes teóricos e místicos de tempos anteriores, que marcaram sua reflexão pela sensibilidade dialogal, como o monge trapista Thomas Merton (1915-1968). Mas houve um marco referencial que significou um grande incentivo nos avanços da reflexão das religiões que foi o Parlamento Mundial das Religiões, acontecido na cidade de Chicago (EUA) em 1893. Pela primeira vez na história reuniram-se responsáveis de tradições religiosas distintas para mútuo conhecimento e sinalização do lugar das religiões no desenvolvimento social: cristãos de todas denominações, judeus, hindus, budistas, muçulmanos, xintoístas,

<sup>83</sup> Papa Paulo VI. **Constituição Pastoral *Gaudium et Spes***, 1965. Disponível em: <[http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_const\\_19651207\\_gaudium-et-spes\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html)>. Acesso em: 26 jun. 2017

<sup>84</sup> Cf. Mc 7,26-30; Mt 8,5-13; Jo 4,1-30

<sup>85</sup> Cf. Mt 5,1-11

<sup>86</sup> Cf. Mt 7,12

<sup>87</sup> Cf. Mt 25,31-46

confucionistas, jainistas e outros. O objetivo do evento era claro: “unir as religiões contra todas as formas de irreligião<sup>88</sup>; fazer da regra de ouro a base desta união; apresentar ao mundo a unidade essencial de numerosas religiões nas boas ações da vida religiosa”.<sup>89</sup> O *swami*<sup>90</sup> Vivekananda (1863-1902), discípulo de Ramakrisna, emocionou os presentes no Parlamento quando sublinhou ao final de sua intervenção que “o Senhor está presente em cada religião”, sob nomes diferenciados, sendo Ele a razão essencial da força que faz mover as nobres ideias ancoradas nas tradições.

Devido aos processos de modernização e globalização, civilizações antes relativamente isoladas estão hoje em comunicação mais intensa, e sua coexistência pode gerar tensões. Todavia, civilizações estão longe de ser o único fator que determina as relações entre grupos humanos – interesses econômicos, cálculos políticos, pressões do sistema internacional como um todo, entre outros, também moldam as inter-relações.

O diálogo inter-religioso, especificadamente, implica o exercício da reciprocidade. Assim como um dado interlocutor exige respeito às suas convicções, o outro com o qual entra em relação exige igual direito e respeito às suas posições, que reclamam para si o mesmo reconhecimento de autenticidade e verdade.<sup>91</sup> O diálogo inter-religioso traduz a riqueza de um novo aprendizado: a relação com a diferença e a alteridade significa a apropriação de outras possibilidades e a abertura à mútua transformação. Esse desafio dialogal, complexo e laborioso, é imprescindível para as religiões. Na ausência desse intercâmbio criativo as religiões fragilizam-se, carecendo da atmosfera essencial para a sua afirmação e crescimento. O teólogo indiano Raimon Panikkar vem sinalizando em sua reflexão a importância desse intercâmbio vital entre as religiões, que possibilita o encontro da religião consigo mesma. Não há para ele como entender a fundo uma determinada tradição senão mediante a abertura, conhecimento e diálogo com outros universos religiosos.<sup>92</sup> Essa relação, para o teólogo Elias Wolff, constrói um itinerário espiritual que não exclui o que de legítimo se encontra na vivência espiritual do outro, mas o reconhece, acolhe e com ele se enriquece, sem cair no

---

<sup>88</sup> Falta de religião; ateísmo.

<sup>89</sup> BASSET, Jean-Claude. **Le dialogue interreligieux**. Histoire et avenir. Paris: Cerf, 1996, p. 74.

<sup>90</sup> Título honorífico hindu.

<sup>91</sup> TEIXEIRA, Faustino. **Op. Cit.** p. 127.

<sup>92</sup> PANIKKAR, Raimon. Religion (Diálogo Intrarreligioso). In: FLORESTAN, Cassiano & TAMAYO, Juan José (Eds). **Conceptos fundamentales del cristianismo**. Madrid: Trotta, 1993, p. 1149.

sincretismo ou no misticismo indiferenciado.<sup>93</sup>

Aliás, o sincretismo ou a perda de identidade do indivíduo que se abre ao diálogo não devem ser considerados como riscos ou como condição para que a relação aconteça entre as diferentes religiões, no caso, entre católicos e muçulmanos. Ao contrário, a inter-religiosidade pressupõe a fidelidade a si mesmo e ao próprio engajamento de fé. As pertenças e os marcos referenciais são fundamentais para qualquer disposição de relacionar-se com o outro: “É preciso pertencer a algum lugar, contar com alguma referência social estável, pisar em algum chão firme para tomar um impulso de voo”.<sup>94</sup> Em outras palavras, e conforme já dito anteriormente, o convívio com o diferente exige que uma das partes deva ceder em algum momento, mas não significa abdicar da fé particular ou daquilo que completa de sentido. Não é dessa forma que se consegue chegar, de forma mais profunda, ao universo do outro. Essa travessia para o encontro pressupõe, antes, uma clara identidade cultural religiosa, que deve ser sempre alimentada. Na visão de Jürgen Moltmann, “digno de participar do diálogo é somente quem conquistou uma posição firme na sua própria religião e vai para o diálogo com a autoconsciência correspondente. Somente a domiciliação na sua própria religião capacita para o encontro com uma outra”.<sup>95</sup> Dessa forma é possível e factível que ocorra um enriquecimento no conhecimento que católicos descobrirão no mundo muçulmano e, de igual forma, de muçulmanos que se enriquecerão ao descobrirem o mundo cristão, sem que isto seja uma ameaça à integridade dos envolvidos.

#### 4. Formas de diálogo inter-religioso

O Papa Francisco enviou uma mensagem na conclusão do encontro realizado na Universidade Hebraica de Jerusalém, em julho de 2017, em uma promoção da Fundação Pontifícia ‘*Scholae Occurrentes*’. Este evento, marcado pelo diálogo entre cristianismo, judaísmo e islamismo, foi caracterizado por muitos gestos simbólicos: o último, que concluiu o evento, foi o plantio de uma oliveira como símbolo do encontro entre as religiões.

---

<sup>93</sup> WOLFF, Elias. **Espiritualidade do diálogo inter-religioso**: contribuições na perspectiva cristã. São Paulo: Paulinas, 2016, p. 22.

<sup>94</sup> KEHL, Maria Rita. **Não se fazem mais jovens como antigamente**. In: Agência Carta Maior, 2/2/2005 (V Fórum Social Mundial)

<sup>95</sup> MOLTSMANN, Jürgen. **Experiência de reflexão teológica**: caminhos e formas da teologia cristã. São Leopoldo: Unisinos, 2004, p.28.

“Quanta necessidade da cultura do encontro tem o mundo de hoje, que às vezes constrói muros, transformando a realidade em um pesadelo de viver como inimigos. Quero celebrar estes dias vividos aí em Jerusalém, porque vocês mesmos, a partir das vossas diferenças, viveram a unidade. Ninguém ensinou isto a vocês. Vocês viveram isto. Vocês se esforçaram para se olharem nos olhos, vocês se esforçaram para ter um olhar transparente e isto é imprescindível para que ocorra um encontro”.<sup>96</sup>

O diálogo com as diferentes expressões religiosas, tão querido pelo Papa Francisco, especialmente entre católicos e muçulmanos pela importância da busca pela paz na contemporaneidade, acontece em vários níveis ou formas. Independente da como se concretize, a prática dialogal traduz um espírito de abertura, hospitalidade e cuidado. Implicando atenção, respeito e acolhimento para com o outro, a quem se reconhece espaço para sua identidade pessoal, para as suas expressões e os seus valores.<sup>97</sup> Abaixo, três formas de relação dialogal<sup>98</sup> comum, possíveis e transformadoras que, quando aplicadas, podem dar rumo a uma sociedade sedenta de paz:

#### **a. Cooperação religiosa em favor da paz**

Uma importante forma de diálogo acontece no âmbito da cooperação religiosa em favor da paz. Trata-se de um diálogo de obras, envolvendo ações e colaboração comum em favor de um mundo mais humano e justo. Talvez seja este um dos campos em que ocorre hoje uma maior comunhão das experiências religiosas. Neste campo ético transparece de forma precisa o encontro das religiões, suscitando, assim, uma nova comunhão criatural. A luta em favor da paz constitui um desafio não apenas para núcleos restritos de especialistas ou estrategistas, mas

---

<sup>96</sup> Rádio Vaticana. **Papa à Scholas: um sonho, quando é partilhado, torna-se utopia de um povo.** Disponível em: <<http://www.news.va/pt/news/papa-a-scholas-um-sonho-quando-e-partilhado-torna>>. Acesso em: 9 jul. 2017

<sup>97</sup> Secretariado para os não-cristãos. **A Igreja e as outras religiões: Diálogo e Missão.** São Paulo: Paulinas, 2001, n. 29.

<sup>98</sup> TEIXEIRA, Faustino. **Op. Cit.** p. 151.

trata-se de uma “responsabilidade universal”. Não se pode ser religioso driblando o caminho do humano.

### **b. Intercâmbios teológicos**

Uma forma de diálogo ocorre em âmbito dos intercâmbios teológicos. Trata-se aqui de um diálogo envolvendo especialistas e peritos das várias tradições religiosas. O objetivo deste diálogo consiste em confrontar, aprofundar e enriquecer os respectivos patrimônios religiosos. Esse talvez seja o diálogo mais difícil, em que se dá propriamente o confronto das crenças singulares e respectivas experiências espirituais mais íntimas, ele pressupõe certa relativização das próprias crenças, a disponibilidade de colocar-se em discussão e deixar-se transformar pelo confronto. Importantes e significativos grupos de discussão inter-religiosos têm hoje se formado no mundo inteiro para o aprofundamento destas questões teológicas.

### **c. Experiência religiosa**

Em um âmbito mais profundo encontra-se o diálogo da experiência religiosa. Trata-se do diálogo silencioso da oração e da contemplação. Nesse nível, dá-se o encontro de pessoas profundamente enraizadas nas suas específicas tradições religiosas para viver e compartilhar as suas experiências de relação com o Sagrado e seu desfecho na vida concreta e social. Uma comunhão que não se reduz a uma simples troca de conceitos ou ideias, mas que acontece acima do nível das palavras, favorecendo uma autêntica e inusitada experiência espiritual.

As formas de diálogo aqui apresentadas – entre outras – acontecem efetivamente no mundo, talvez ainda de forma tímida e com pouca visibilidade, mas já saíram do papel a bastante tempo. Devido a transversalidade que o mundo muçulmano atinge na atualidade, ele se tornou o destinatário do diálogo mais necessário e, conseqüentemente, tornar-se-á o futuro remetente, aquele que promove, em mais frentes das de hoje, a relação com o mundo externo às próprias convicções.

Por todo processo histórico abordado nesta pesquisa, tornou-se ao menos um pouco mais claro que a verdade está além da apresentada pela grande mídia. De

fato é preciso conhecer para julgar, é preciso conhecer para conviver, é preciso conhecer para amar. Há cerca de 1,5 milhão de muçulmanos no Brasil, segundo a Federação Islâmica Brasileira, um número modesto frente aos mais de 100 milhões de católicos e 45 milhões de adeptos do candomblé e da umbanda<sup>99</sup>. Mas é visível, perceptível e não se pode negar que a religião islâmica está em expansão em todo o globo. Foi também graças ao temperamento essencialmente acolhedor do povo brasileiro e ao multiculturalismo tendencial da sociedade que os muçulmanos puderam encontrar um espaço de inserção favorável no Brasil. Sua comunidade, ainda que de certa forma fechada em si, encontra-se harmoniosa e confortavelmente instalada no Brasil. Foi também em solo nacional que a primeira mesquita de toda América Latina foi inaugurada, em 1956, a Mesquita Brasil, em São Paulo, que reúne em torno de 600 pessoas às sextas-feiras – dia sagrado para o islamismo.

A Arquidiocese de São Paulo, uma das mais complexas no que diz respeito a diversidade do trabalho pastoral, divide a geografia da cidade com muitas outras expressões de fé. Entre elas esta a maior comunidade muçulmana do Brasil. Os paulistanos se encontram, assim como boa parte do mundo, mergulhados numa espécie de fascínio pela novidade que é o Islã, mas de igual forma aterrorizados pelo terror perpetrado pelos grupos fundamentalistas, apresentado amplamente pela mídia. O contexto islamofóbico<sup>100</sup> chegou a terras tupiniquins quando a religião islâmica foi apresentada unilateralmente pelos atos terroristas que a mídia apresentou. O diálogo, caracterizado cada vez mais como desafiador, é promovido e incentivado pela Arquidiocese.

O cônego José Bizon, responsável pelo diálogo ecumênico e inter-religioso da Arquidiocese de São Paulo e coordenador da Casa da Reconciliação, respondeu a algumas perguntas à esta pesquisa a fim de ilustrar de forma concreta as iniciativas promovidas para a aproximação entre católicos e muçulmanos<sup>101</sup>. Ao ser questionado sobre como acontece o diálogo, cônego Bizon disse que, normalmente, através de encontros informais, como em participação de eventos e no convite de ambas as partes. “É um dialogo de aproximação, a cooperação que há entre nós, católicos e muçulmanos, se dá nesse entrelaçamento de conhecimento, de proximidade e respeito.” Perguntado sobre como é possível dar passos rumo à paz,

---

<sup>99</sup> ARANTES, José Tadeu. **Op. Cit.**, p. 81.

<sup>100</sup> Repugnância em relação aos muçulmanos e ao Islamismo em geral.

<sup>101</sup> BIZON, Côn. José. Entrevista concedida a Bruno Redígolo Cardoso. São Paulo, 4 jul. 2017.

uma vez que o extremismo islâmico afunda as possibilidades de relação com o Ocidente, cónego Bizon foi categórico ao dizer que “só haverá paz quando, em primeiro lugar, haver justiça. E só haverá paz entre religiões quando [os fiéis] viverem, de fato, aquilo que está nos livros sagrados, sobretudo para as religiões monoteístas.” Ele continuou afirmando que não há espaço para fundamentalismo na busca pela paz, uma vez que este pressupõe que sua verdade está acima das demais. “Há a necessidade de ler, estudar e compreender a sua tradição religiosa e, mais que compreender, vivenciá-la, não se utilizando de seus meios para julgar e condenar uma outra tradição religiosa.” Cónego Bizon finalizou apontando novamente que a experiência de relacionamento entre outras religiões tem sido muito boa de forma geral e que naturalmente há interesse entre as duas partes envolvidas no conhecimento mútuo.

“Portanto, quando falamos de muçulmanos não devemos pensar apenas no mundo árabe, existem outros países fora do Oriente Médio onde o Islã é presente. Como também não devemos associar muçulmanos com terroristas. Quando nós pensamos que há dentro do islamismo pessoas fundamentalistas é diferente, ai eu posso dizer que dentro do mundo Islâmico tem pessoas fundamentalistas, dentro do catolicismo tem pessoas fundamentalistas... Por isso não se pode dizer que essa ou aquela religião é fundamentalista ou é terrorista. É a partir da experiência pessoal de proximidade, de respeito e de convivência que vamos, então, fazendo essa interação entre as duas denominações. É um diálogo de pessoas e também um diálogo de instituições.” (BIZON, Cón. José)

A fim de conhecer o pensamento da comunidade muçulmana em São Paulo a respeito da relação com outras religiões, sobretudo a Católica, as mesmas perguntas feitas ao cónego Bizon foram também feitas ao Secretário-geral do Centro Islâmico e de Diálogo Inter-religioso e Intercultural, Atila Kuş<sup>102</sup>. O secretário-geral confessou que o diálogo entre católicos e muçulmanos não tem acompanhado o avanço que já acontece entre católicos e judeus: “Vemos os católicos e os judeus realizarem muitos

---

<sup>102</sup> KUŞ, Atila. Entrevista concedida a Bruno Redígolo Cardoso. São Paulo, 17 jul. 2017.

atos dialógicos juntos, porém, o diálogo entre muçulmanos e católicos também terá o mesmo avanço.” Atila destacou que os pontos de fé em comum (a crença em um Deus único, Jesus e Maria) impulsionam a caminhar juntos. Já sobre a possibilidade de encontrar a paz, uma vez que esta é constantemente ameaçada pelos grupos islâmicos extremistas, Atila fez uso das palavras do Corão para reprovar tais grupos: “Segundo o Corão, a primeira missão do muçulmano é procurar os caminhos do diálogo com o Povo do Livro – cristãos e judeus. Por outro lado, os atos extremistas não podem ser desculpados culpando o outro de preparar o seu mal. Isto é, o Corão e a tradição profética sempre nos ordenam a estudar e procurar caminhos de progresso.” O secretário-geral, por fim, verbalizou as experiências que a comunidade muçulmana em São Paulo realiza no contato com outras religiões. “O mundo islâmico está em busca de um caminho da paz, principalmente nas regiões onde os próprios muçulmanos são maioria. Tal busca vem se demonstrando através dos encontros de líderes muçulmanos com os líderes ocidentais. Outro ponto seria o exemplo da comunidade turca, principalmente no Brasil, que promove o processo dialógico inter-religioso. A fundação das instituições de diálogo inter-religioso e intercultural é uma prova deste interesse de se relacionar. Também a participação da comunidade como grupo Famílias Abraâmicas, constituído por famílias judaicas, católicas e muçulmanas, demonstram o interesse do diálogo dentro da comunidade.”

Avançando na reflexão de relação com o Outro, com o diferente, o filósofo Emmanuel Lévinas endossa o plano – já realizado por Jesus – de simplesmente abrir-se ao encontro. Para o filósofo, a ética da alteridade é a submissão pelo diferente, porque é justamente o diferente que revela o infinito. Lévinas propõe estabelecer uma relação de responsabilidade entre o Eu e o Outro. Segundo ele, o reino do bem só pode se instaurar a partir do Outro. Grosso modo, poder-se-ia nomear os personagens, dizendo que: católicos e muçulmanos são corresponsáveis uns pelos outros. O que possibilita a relação de diálogo é o olhar de acolhimento. É esse olhar que questiona, provoca e exige uma resposta capaz de estabelecer uma relação. A ideia que está por detrás do pensamento de Lévinas quer mesmo estabelecer uma conexão de responsabilidade para com o Outro, antes de qualquer processo de conhecimento por parte do mesmo. Não é o aspecto religioso que define a integridade do ser, logo, não pode ser esse aspecto que anula a possibilidade de convivência harmoniosa e o amor de coexistência. O encontro com

o Outro sempre é surpreendente e desconcertante, para ambas as partes. A partir do olhar do Outro ao meu é que se pode estabelecer um diálogo.<sup>103</sup>

No mundo atual, há uma consciência da importância do diálogo inter-religioso para a construção de uma humanidade mais fraterna, já que as diferenças religiosas têm servido de suporte ideológico para os mais diferentes conflitos. O amor mais intenso que a humanidade conheceu partiu da religião e o ódio mais diabólico que a humanidade conheceu também partiu da religião. As mais expressivas palavras de paz foram proferidas por homens vinculados à religião, assim como, as mais amargas palavras de intolerância foram proferidas por líderes religiosos. Cada expressão religiosa apresenta sua própria doutrina e insiste ser a única verdadeira. No mundo plural atual, não é mais possível a intolerância com os crentes de outras expressões de fé e somente através do diálogo pode-se construir uma civilização que responda aos questionamentos fundamentais do ser humano.<sup>104</sup>

---

<sup>103</sup> LÉVINAS, Emmanuel. **Ética e infinito**. Lisboa: Edições 70, 1982, p. 88.

<sup>104</sup> CAMPOS, Marconi de Queiroz. **Cristãos e Muçulmanos**: Exigência de Uma Relação Dialógica para a Construção da Paz. 2009, p.151. 165 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Católica de Pernambuco. Pró-Reitoria Acadêmica (PRAC).

## Considerações finais

O diálogo inter-religioso exige o exercício da reciprocidade. De um lado o interlocutor exige respeito às suas convicções; o outro com o qual entra em comunicação exige igualdade de tratamento, e também o mesmo reconhecimento de autenticidade e verdade. A pesquisa presente, diante da efervescência do tema, quis aprofundar pontos que poderiam ajudar na compreensão histórica e atual do Islã além de destacar os pontos que unem – ou que poderiam unir – muçulmanos e católicos num relacionamento sadio de coexistência e convivência.

No primeiro capítulo deu-se a conhecer uma síntese de acontecimentos relevantes na história do islamismo: as revelações ao profeta Maomé e o início familiar do princípio islâmico; a expansão religiosa após a morte do profeta; a formação do Corão: similitudes com a Bíblia e seu desfecho próprio. No segundo capítulo pretendeu-se apontar indícios históricos de onde haveria de surgir conceitos fundamentalistas da mensagem religiosa, dando espaço para que o Sagrado pudesse ser manipulado para interesses outros. Essa manipulação abriu as portas para que males maiores entrassem no mundo moderno e contemporâneo, como a intolerância, a perseguição e o terror. A partir de então, a essência islâmica ficaria manchada pela deturpação de grupos extremistas apontados também na pesquisa. Já o terceiro capítulo tentou ser uma espécie de resposta frente aos desafios do agora. Com base em documentos da Igreja Católica, literaturas relevantes, pesquisas e experiências concretas, o diálogo tem mostrado ser a ferramenta mais eficaz na busca por uma paz verdadeira. Tal diálogo não pressupõe o abandono das próprias convicções ou uma abertura ao sincretismo, ao contrário, antes, necessita que os envolvidos estejam íntegros em suas certezas de vida e fé para, depois, desenvolverem uma relação, sobretudo, de respeito e amor.

Diante da novidade, do medo e dos questionamentos que a sociedade atual traz em si sobre a realidade islâmica do mundo, a pesquisa destaca que católicos e muçulmanos, como qualquer partícipe de outra religião, possuem em si apenas uma fina camada que os diferenciam. A especificidade de religar cada expressão de fé com o seu Deus, embora importante e constitutiva, não tem e nem deve ter volume para se fazer como um muro intransponível, barrando as tentativas dialogais. Por baixo dessa superfície rasa – nossas convicções – toda a humanidade está

orientada à ser feliz e a buscar sua realização, participando igualmente dos mesmos direitos e deveres, e fadada ao mesmo fim. Em outras palavras, não se pode excluir o Outro por não partilhar da mesma crença do Eu. Não se pode ferir o Outro nem persuadi-lo à se tornar um outro Eu. A dinâmica do amor, que gera a paz verdadeira, aceita as diferenças e entende que a verdade não pode ser aprisionada. Todas as vezes que esse aspecto do respeito da individualidade não foi preservado, como visto na presença do fundamentalismo, a história presenciou o adoecimento de toda uma estrutura societária, gerando discriminações, perseguições e a funesta guerra.

Em nossos tempos, cada vez mais se fala sobre os estudos que comprovam que a relação pessoal com o transcendente faz bem às pessoas. A oração e uma crença com o Criador traz benefícios à vida. Mas, isoladamente, esta dimensão religiosa não consegue definir a totalidade do ser humano. Há laços mais ternos que constituem a humanidade do que simplesmente a forma com que esta se relaciona com o Sagrado. O papa Francisco recorda que “É preciso revigorar a consciência de que somos uma única família humana. Não há fronteiras nem barreiras políticas ou sociais que permitam isolar-nos e, por isso mesmo, também não há espaço para a globalização da indiferença.”<sup>105</sup>

A pesquisa, por fim, pretendeu dar elementos à que cada leitor pudesse perceber por si mesmo a verdade que nem sempre está elementar. Muçulmanos e católicos partilham de muitos pontos em comum, a começar pela própria humanidade. Antes de posicionamentos precipitados, muitas vezes injustos, generalizando uma grande história como base apenas em um pequeno e destoante grupo, o primeiro passo deveria ser o de permitir-se conhecer e aprofundar sobre a temática do Outro, no caso, do mundo muçulmano. E que isto não seja encarado como que um risco às próprias convicções, mas início de uma fraternidade que gera o sadio convívio e o amor entre as pessoas.

---

<sup>105</sup> Papa Francisco. **Carta Encíclica *Laudato Si'***, 2015. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco\\_20150524\\_enciclica-laudato-si.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html)>. Acesso em: 17 jul. 2017

## Bibliografia

### Livros:

**Al Corão.** Tradução por Samir el Hayek. Tughara Books: Clifon, 2015.

**Bíblia de Jerusalém.** São Paulo: Paulus, 2012

ARANTES, José Tadeu. **O maior perigo do Islã: não conhecê-lo.** São Paulo, Editora Terceiro Nome, 2005.

BASSET, Jean-Claude. **Le dialogue interreligieux. Histoire et avenir.** Paris: Cerf, 1996.

BONOME, José Roberto. **Fundamentalismo religioso e terrorismo político.** Goiânia: Editora da UCG, 2009.

BOFF, Leonardo. **Igreja. Carisma e Poder.** Ensaio de uma eclesiologia militante. Petrópolis: Vozes, 1981.

CAMPOS, Marconi de Queiroz. **Cristãos e Muçulmanos: Exigência de Uma Relação Dialógica para a Construção da Paz.** 2009, p.151. 165 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Católica de Pernambuco. Pró-Reitoria Acadêmica (PRAC).

COGGIOLA, Osvaldo. **Islão Histórico e Islamismo Político.** São Paulo: Instituto da Cultura Árabe, 2007.

COSTA, Helder dos Santos. **O revivalismo Islâmico.** Lisboa: ISCSP-UTL, 2001.

DAVIDSON, Lawrence. **Islamic Fundamentalism: an introduction.** Westport: Greenwood Press, 2003.

DEMANT, Peter. **O mundo muçulmano.** São Paulo: Contexto, 2015.

FARAH, Paulo Daniel. **O Islã.** São Paulo: Publifolha, 2001.

FERREIRA, Paulo Antunes. **O novo terrorismo.** Lisboa: Prefácio, 2006.

GNILKA, Joachim. **Bíblia e Alcorão**. O que os une, o que os separa. Edições Loyola: São Paulo, 2006.

GRIEV, Paul. **A brief to Islam**. New York: Carroll & Graf Publishers, 2006.

HOFFMAN, B.; CLARIDGE, D. The Rand-St. Andrews. **Chronology of International Terrorism and Noteworthy – Domestic incidentes**. Terrorism and Political Violence. New York: Columbia Universit Press, 1988.

HROUB, Khaled. **Hamas, a beginner's guide**. London: Pluto Press, 2006.

KEHL, Maria Rita. **Não se fazem mais jovens como antigamente**. In: Agencia Carta Maior, 2/2/2005 (V Fórum Social Mundial).

LARA, António de Sousa. **Imperialismo, Descolonização, Subversão e Dependência**. Lisboa: ISCSP-UTL, 2002.

LÉVINAS, Emmanuel. **Ética e infinito**. Lisboa: Edições 70, 1982.

LOPES, Domingos; SÁ, Luís. **Com Alá ou com Satã: O fundamentalismo em questão**. Porto: Campo das Letras, 1997.

MARGOLIOUTH, David Samuel. **Maomé e a ascensão do Islã**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

MOLTMANN, Jürgen. **Experiência de reflexão teológica: caminhos e formas da teologia cristã**. São Leopoldo: Unisinos, 2004.

PACE, Enzo. **Fundamentalismos religiosos, violência e sociedade**. São Paulo: Edições Terceira Via, 2017.

PANIKKAR, Raimon. **Religion (Dialogo Intrarreligioso)**. In: FLORESTAN, Cassiano & TAMAYO, Juan José (Eds). **Conceptos fundamentales del cristianismo**. Madrid: Trotta, 1993.

Papa Francisco. **Visita do Papa Francisco a Assis para a jornada de oração pela paz**. Religiões e culturas em diálogo. 20 de setembro de 2016.

PIERRARD, Pierre. **História da Igreja**. São Paulo: Paulinas, 1982.

PIKASA, Xavier. **A perseguição religiosa na Sagrada Escritura**. São Paulo: Paulinas, 1984.

PINTO, Maria do Céu. **“Infiéis na Terra do Islão”**: Os Estados Unidos, o Médio Oriente e o Islão. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

SANCHES, Wagner Lopes. **Vaticano II e o diálogo inter-religioso**. São Paulo: Paulus, 2015.

SARDAR, Ziauddin. **Em que acreditam os muçulmanos?** Rio de Janeiro: José Olympio, 2010.

SCHIMID, A.; JONGMAN, A. **Political Terrorism**: A new guide to actors, authors, concepts, data bases, theories and literature. New Brunswick: Transaction, 1988.

Secretariado para os não-cristãos. **A Igreja e as outras religiões**: Diálogo e Missão. São Paulo: Paulinas, 2001, n. 29.

SILVA, Teresa de Almeida. **Islão e Fundamentalismo Islâmico**: das origens ao Século XXI. Lisboa: PACTOR, 2016.

SONN, Tamara. **Uma Breve História do Islã**: Um guia indispensável para compreender o islã do século XXI. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.

TEIXEIRA, Faustino. **Ecumenismo e diálogo inter-religioso**: a arte do possível. Aparecida: Editora Santuário, 2008.

WOLFF, Elias. **Espiritualidade do diálogo inter-religioso**: contribuições na perspectiva cristã. São Paulo: Paulinas, 2016.

#### **Web-sites:**

Fundação Pontifícia Ajuda à Igreja que Sofre. **Perseguidos e Esquecidos?** Um Relatório sobre os Cristãos Oprimidos por causa da sua Fé 2013-2015: Sumário Executivo. Outubro de 2015. ([http://acn.org.br/images/stories/miscelanea/PerseguidosEsquecidos\\_Breve.pdf](http://acn.org.br/images/stories/miscelanea/PerseguidosEsquecidos_Breve.pdf), acessado em 1 de maio de 2017)

Fundação Pontifícia Ajuda à Igreja que Sofre. **Liberdade Religiosa no Mundo**. Relatório 2016: Sumário Executivo. <<http://acn.org.br/images/stories/RLRM2016/pDFs/SumarioExecutivo.pdf>, acessado em 1 de maio de 2017>

**Islamismo será a maior religião do mundo?** Disponível em: <<https://www.portasabertas.org.br/noticias/2017/03/islamismo-sera-a-maior-religiao-do-mundo>>. Acesso em: 26 jun. 2017

MILANI, Pe. Olmes. **Maria, Mãe de Jesus é o novo nome de mesquita em Abu Dhabi.** Disponível em: <[http://br.radiovaticana.va/news/2017/06/15/maria,\\_m%C3%A3e\\_de\\_jesus\\_%C3%A9\\_o\\_novo\\_nome\\_de\\_mesquita\\_em\\_abu\\_dhabi/1319151](http://br.radiovaticana.va/news/2017/06/15/maria,_m%C3%A3e_de_jesus_%C3%A9_o_novo_nome_de_mesquita_em_abu_dhabi/1319151)>. Acesso em: 17 jun. 2017

Papa Francisco. **Carta Encíclica Laudato Si'.** Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco\\_20150524\\_enciclica-laudato-si.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html)> Acesso em: 26 jun. 2017

Papa Paulo VI. **Carta Encíclica Ecclesiam Suam,** 1964. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf\\_p-vi\\_enc\\_06081964\\_ecclesiam.html](http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_06081964_ecclesiam.html)>. Acesso em: 26 jun. 2017

Papa Paulo VI. **Declaração Nostra Aetate,** 1965. Disponível em: <[http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_decl\\_19651028\\_nostra-aetate\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decl_19651028_nostra-aetate_po.html)>. Acesso em: 26 jun. 2017

Papa Paulo VI. **Constituição Pastoral Gaudium et Spes,** 1965. Disponível em: <[http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_const\\_19651207\\_gaudium-et-spes\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html)>. Acesso em: 26 jun. 2017

Rádio Vaticana. **Papa à Scholas: um sonho, quando é partilhado, torna-se utopia de um povo.** Disponível em: <<http://www.news.va/pt/news/papa-a-scholas-um-sonho-quando-e-partilhado-torna>>. Acesso em: 9 jul. 2017

### **Entrevistas:**

BIZON, Côn. José. Entrevista concedida a Bruno Redígolo Cardoso. São Paulo, 4 jul. 2017.

KUŞ, Atila. Entrevista concedida a Bruno Redígolo Cardoso. São Paulo, 17 jul. 2017.